

O PREGADOR ATORMENTADO

THOMAS
HARDY

A ARTE DA NOVELA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O PREGADOR ATORMENTADO

THOMAS
HARDY

A ARTE DA NOVELA

A ARTE DA NOVELA



O PREGADOR ATORMENTADO

THOMAS
HARDY

TRADUÇÃO DE SERGIO FLAKSMAN



GRUA LIVROS

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

I COMO ELE SE CUROU DE UM RESFRIADO

II COMO ELE VIU DOIS OUTROS HOMENS

III A SOBRECASACA MISTERIOSA

IV POR OCASIÃO DA LUA NOVA

V COMO FORAM ATÉ A PEQUENA ENSEADA DE LULLSTEAD E DE LÁ VOLTARAM

VI A GRANDE BUSCA EM NETHER-MOYNTON

VII A CAMINHADA ATÉ A ENCRUZILHADA DE WARMWELL; E O QUE ACONTECEU
DEPOIS

Traduções

Créditos

Landmarks

Cover

Half Title Page

Title Page

Table of Contents

Contributors

Copyright Page

COMO ELE SE CUROU DE UM RESFRIADO

Alguma coisa atrasou a chegada do novo ministro metodista, e um jovem pregador veio ocupar temporariamente a posição. Foi em 13 de janeiro de 183- que o sr. Stockdale, o jovem em questão, desembarcou modestamente na cidadezinha, onde ninguém o conhecia e quase ninguém viu sua chegada. Mas quando os moradores locais da mesma fé vieram a conhecê-lo, ficaram em sua maioria bastante satisfeitos com o substituto, embora este mal tivesse suficiente lastro pessoal para manter a prumo as consciências dos cerca de cento e quarenta metodistas puro-sangue que, àquela altura, viviam em Nether-Moynton, além de ainda prover apoio suplementar à assembleia híbrida que frequentava a igreja pelas manhãs e também a capela ao fim da tarde, ou toda vez que esta organizava um chá — no total, até cento e dez pessoas a mais, entre elas o administrador da paróquia, nos meses de inverno, quando às sete da noite a escuridão não permitia mais ao pregador reconhecer quem passava pela rua —, ao qual, justiça lhe seja feita, o jovem nunca fez a menor questão.

Devia-se a essa sobreposição das diferentes facções religiosas um famoso enigma associado à população local, que se espalhara entre os pequenos proprietários menos informados da região ao redor de Nether-Moynton: como era possível que uma paróquia abarcando cerca de trezentos adultos filiados à Igreja episcopal, além de quase 260 dissidentes ou não conformistas em idade madura, mal reunisse um total de 440 adultos?1

Como o jovem era pessoalmente interessante, ninguém com que tenha entrado em contato sentiu qualquer dificuldade em deixar de lado, desde o primeiro momento, um questionamento mais profundo sobre sua competência. Dizem que àquela altura da vida tinha olhos calorosos — embora sem traço de frivolidade —, cabelos ondulados e boa estatura; que se tratava, em suma, de um jovem muito afável, que cativava as ouvintes mulheres desde que elas o viam ou escutavam suas primeiras palavras, incitando-lhes a pergunta: “Por que não sabíamos disso antes da sua chegada, para tê-lo recebido melhor?”.

Na verdade, conscientes de que se tratava de um simples substituto temporário, e sem esperar nada de especialmente notável da sua pessoa ou dos seus ensinamentos, elas e o resto do rebanho de Nether-Moynton trataram a sua chegada com a mesma indiferença que os paroquianos mais devotos do

país demonstrariam ao seu pastor costumeiro de pleno direito. Assim, quando Stockdale pisou na localidade, ninguém cuidara de providenciar-lhe um alojamento, e embora sua viagem o tenha deixado fortemente resfriado, ele se viu obrigado a cuidar pessoalmente dessa questão. Perguntando aqui e ali, descobriu que as únicas acomodações disponíveis na cidadezinha estariam na casa de uma certa sra. Lizzy Newberry, na ponta mais alta da rua.

Foi um rapazinho quem lhe deu a informação, e Stockdale perguntou quem era a sra. Newberry.

O menino respondeu que era uma viúva, que não tinha mais marido porque estava morto. O finado sr. Newberry, acrescentou, era — ao que se dizia — um homem relativamente próspero, dono de algumas terras; mas tinha empobrecido no fim da vida. Quanto ao lado sério da sra. Newberry, Stockdale ficou sabendo que era uma das frequentadoras mais devotas tanto da igreja quanto da capela.

“É para lá que vou, então”, respondeu Stockdale. Na falta de um alojamento próprio da sua congregação, achou que não havia solução melhor.

“Ela é meio exigente, e não costuma aceitar funcionários do governo, vigários ou amigos do pastor, gente assim”, disse o menino, duvidando que Stockdale fosse aceito.

“Ah, pode ser um bom sinal. Vou até lá. Ou melhor, não; vá você primeiro e pergunte se ela tem lugar para mim. Preciso ver uma ou duas pessoas por outros motivos. Você pode me encontrar lá onde eu desembarquei.”

Em quinze minutos o rapaz estava de volta, dizendo que a sra. Newberry não tinha qualquer objeção a acomodar Stockdale, que seguiu então para o local. A casa era cercada por uma sebe e parecia espaçosa e confortável. Stockdale travou conversa com uma senhora já de certa idade, com quem combinou mudar-se ainda naquela noite, pois a cidade não contava com outra hospedaria e ele queria instalar-se o mais depressa possível. A localidade seria o centro da área que pretendia começar a cobrir sem tardar, percorrendo as muitas capelas dos arredores. Enviou de imediato para a casa da sra. Newberry a bagagem que deixara na transportadora e, ao anoitecer, chegou caminhando à sua nova residência temporária.

Como já se considerava hóspede instalado, Stockdale achou desnecessário bater na porta; entrando sem aviso, teve o prazer de escutar passos que debandavam correndo, como camundongos, para os fundos da casa. Dirigiu-se ao salão, como era chamado o cômodo da frente da casa, embora o tapete mal escondesse seu chão de pedra e cobrisse apenas as regiões mais gastas do piso, deixando à mostra áreas desertas de cor arenosa debaixo dos móveis. Mas o aposento era alegre e decorado com bom gosto. As chamas da lareira tremeluziam, espalhando sua claridade indecisa pelos contornos salientes das pernas das mesas, refulgindo nas maçanetas e nos puxadores de latão e

concentrando uma luz mais forte no espaço bem à frente do fogo. Uma funda poltrona forrada de crina e ornada de tachas de estanho destacava-se de um dos lados da lareira. O jogo de chá estava posto em cima da mesa, a tampa do bule aberta e uma pequena sineta colocada no ponto exato a que chegaria instintivamente a mão estendida por uma pessoa sentada na poltrona.

Stockdale sentou-se, em tudo satisfeito com o que havia encontrado na sala até aquela altura, e iniciou sua estadia na casa tocando a sineta. Uma jovem respondeu a seu chamado e serviu-lhe o chá. Seu nome, comunicou a ele com um forte sotaque, era Martha Sarah, e ela morava bem perto, indicando com o queixo a direção geral da rua e do resto da localidade. Antes que Stockdale tomasse muito do seu chá, ouviu uma batida na porta às suas costas e, assim que autorizou a entrada de quem fosse, um farfalhar de tecidos o fez virar a cabeça. Viu-se diante de uma formosa jovem de muito belo porte, com os cabelos escuros, uma testa larga, sensata e muito bonita, e olhos que o tocaram fundo antes que se desse conta, além de uma boca que, por si só, era uma linda visão para qualquer alma sensível.

“Posso trazer mais alguma coisa para o seu chá?”, ela perguntou, avançando um ou dois passos com uma expressão vivaz no rosto e a mão abanando a porta que segurava pela beirada.

“Não, muito obrigado”, respondeu Stockdale, menos preocupado com sua resposta que com a posição que a jovem podia ocupar na casa.

“Tem certeza?”, disse ela, percebendo que a resposta que ele lhe dera não parecia bem pensada.

Stockdale examinou detidamente a mesa do chá e não deu por falta de nada. “Tenho, senhorita Newberry.”

“Sou a *senhora* Newberry”, ela esclareceu. “Lizzy Newberry, de solteira Lizzy Simpkins.”

“Oh, desculpe, sra. Newberry.” E antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, a jovem deixou a sala.

Stockdale se debatia com suas dúvidas quando Martha Sarah veio tirar a mesa. “De quem é esta casa, minha jovem?”, ele perguntou.

“Da sra. Lizzy Newberry.”

“Então a sra. Newberry não é a mulher mais idosa com quem estiver hoje à tarde?”

“Não, aquela é a mãe da sra. Newberry. A sra. Newberry foi a que veio aqui agorinha mesmo para ver se o senhor é bonito.”

Mais adiante, já à noite, quando Stockdale se preparava para jantar, a sra. Newberry tornou a aparecer. “Vim eu mesma, sr. Stockdale”, ela disse. O religioso se levantou, reconhecendo a honra. “A pequena Martha talvez não conseguisse explicar bem. O que o senhor prefere no jantar? Temos coelho frio e um presunto inteiro que ainda não começamos a cortar.”

Stockdale disse que se contentaria perfeitamente com aquelas iguarias, e o jantar foi servido. O pregador mal tinha cortado a primeira fatia quando voltou a ouvir uma batida leve na porta. O pobre Stockdale já tinha percebido que aquela sequência particular de batidas anunciava sua cativante anfitriã, e disfarçou a boca cheia com uma expressão neutra de atenção.

“Também temos frango em casa, sr. Stockdale; esqueci dele agora há pouco. Quer que Martha Sarah traga para o senhor?”

Stockdale já tinha feito progressos suficientes nas artes de jovem cavalheiro para responder que só iria querer frango se ela própria o trouxesse; mas quando as palavras deixaram sua boca ele enrubescceu com a ousadia galante da resposta, talvez um pouco excessiva para um homem circunspecto, além do mais um pregador. Dali a três minutos o frango apareceu, mas, para sua surpresa, trazido por Martha Sarah. Stockdale ficou decepcionado, o que talvez tenha sido a finalidade daquela substituição.

Havia acabado de jantar e não contava mais ver a sra. Newberry naquela noite, quando a jovem bateu na porta, tornou a entrar na sala e percebeu, pelo olhar satisfeito de Stockdale, que não perdera nada por não ter aparecido quando ele esperava. Mas o resfriado que o jovem tinha contraído piorou com a chegada da noite, e, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Stockdale teve um violento e incontrolável acesso de espirros.

A sra. Newberry encarou o pastor com uma expressão de dó. “O seu resfriado está bem sério, sr. Stockdale.”

Stockdale respondeu que sim, estava bastante incômodo.

“E eu tenho a impressão...”, acrescentou ela, dirigindo um olhar malicioso para o copo de água pura em cima da mesa, que o jovem pastor abstêmio se preparava para tomar.

“Qual, sra. Newberry?”

“Tenho a impressão de que o senhor devia tomar alguma coisa com um poder curativo maior que essa bebida fria.”

“Bem”, disse Stockdale, olhando para o copo, “como a cidade não tem uma estalagem, e não há como recorrer aos moradores em busca de nada melhor, vou ter de me contentar com ela.”

Ao que ela respondeu: “Temos coisa melhor, sim, não muito longe, mas não aqui em casa. E acho que o senhor devia mesmo tentar esse recurso para não adoecer. É o melhor que faria, sr. Stockdale”. Levantou um dedo ao ver que ele se preparava para dizer alguma coisa. “Nem me pergunte o que é; espere e verá.”

Lizzy saiu da sala, e Stockdale ficou esperando, satisfeito. Em seguida, ela voltou usando gorro e capa, e disse: “Sinto muito, mas o senhor precisa vir comigo para ajudar. Minha mãe já se recolheu. Agasalhe-se bem, venha comigo, e pode trazer sua xícara”.

Stockdale, um jovem solitário que nas últimas semanas vinha desejando encontrar alguém a quem pudesse dedicar algum interesse e até ternura, não se opôs a sair e cruzou a porta dos fundos atrás dela, atravessando o jardim até o muro que assinalava o limite do terreno. Era um muro baixo, e do outro lado Stockdale percebeu, em meio às sombras da noite, várias lápides cinzentas e os contornos de um telhado ou torre de igreja.

“Por aqui o caminho é mais fácil”, disse ela, chegando a uma faixa junto ao muro onde o chão de terra batida era mais elevado; em seguida, galgou as pedras do muro e desceu com um salto do outro lado, onde o nível do solo era mais alto, como costuma ocorrer nos cemitérios. Stockdale fez o mesmo, e seguiu atrás dela na escuridão pelo terreno irregular até chegarem os dois à porta da torre, que, depois de atravessarem, fecharam mansamente atrás de si.

“O senhor seria capaz de guardar um segredo?”, perguntou ela, com sua voz musical.

“Como um cofre de ferro!”, ele respondeu, enfático.

Então ela revelou um pequeno lampião, que até então o pastor não notara que trazia aceso debaixo da capa. A luz mostrou que estavam ao lado da escada que levava ao balcão do coro, debaixo da qual havia uma pilha dos mais variados pedaços de madeira que pudessem ser queimados como lenha, na maior parte velhas molduras de janela, bancos quebrados, fragmentos de lambris e partes de piso, removidos de suas posições originais no corpo da construção ao serem trocados por peças novas.

“O senhor pode afastar algumas dessas tábuas?”, ela perguntou, erguendo a lamparina acima da cabeça para espalhar melhor a luz. “Ou prefere segurar a luz enquanto eu afasto?”

“Eu faço”, respondeu o jovem, e atendendo ao que ela sugeria descobriu, para sua surpresa, uma fileira de barricas com arcos de madeira, cada uma do tamanho aproximado de um cubo de roda de carroça. Quando as barricas apareceram, Lizzy fixou os olhos em Stockdale, como se esperasse algum comentário.

“Sabe o que são?”, perguntou, ao ver que ele não dizia nada.

“Sei, são barricas”, respondeu Stockdale em tom simples. Era um homem do interior, filho de pais altamente respeitáveis e com uma criação totalmente voltada para a vida clerical. A ele, a imagem não sugeria nada além da mera presença daqueles objetos.

“Tem toda a razão; são mesmo barricas”, ela observou, com um tom exagerado de inocência que não deixava de sugerir uma ponta de ironia.

Stockdale olhou para ela com uma súbita desconfiança. “Bebida contrabandeada?”

“Sim”, ela respondeu. “Bebida que chegou por acidente da França, sem passar pela alfândega.”

Em Nether-Moynton e na área em volta, naquele tempo, os habitantes toleravam com sorrisos a modalidade de pecado que o resto do mundo recriminava como contrabando; e todos sabiam da existência de barricas como aquelas contendo gim e conhaque. Assim, a ignorância ingênua de Stockdale, e sua expressão de alarme quando atinou com a resposta do mistério, primeiro pareceram um tanto cômicas a Lizzy, em seguida prejudiciais à boa impressão que ela queria causar ao jovem pregador.

“Há gente aqui que faz contrabando”, ela explicou, num tom ligeiro de defesa. “Isso vem ocorrendo há muitas gerações, e ninguém leva a mal. Poderia rolar uma das barricas para cá?”

“Para quê?”, perguntou o pastor.

“Para tirar um pouco da bebida, como remédio para o seu resfriado”, ela respondeu. “É forte: tiro e queda contra esse tipo de mal-estar. E podemos tirar sem nenhum problema. Tenho permissão do dono das barricas para pegar o quanto eu quiser. Eu devia guardar um pouco de bebida em casa, para me poupar de tanto trabalho; mas acontece que não bebo, e então nem me ocorre ter um estoque próprio.”

“A senhora é autorizada a pegar a bebida em troca de não denunciar o esconderijo?”

“Não exatamente, mas posso pegar um pouco se quiser. Então, fique à vontade.”

“Está bem, vou obedecer, se a senhora tem esse direito”, murmurou o religioso; e embora não ficasse exatamente satisfeito de participar daquele ato, rolou uma das barricas do canto até o centro do piso da torre. “E como eu tiro a bebida? Faço um furo na barrica com uma verruma?”

“Não; vou lhe mostrar”, respondeu sua surpreendente parceira. E com a outra mão mostrou-lhe um malho e uma espécie de soveira de sapateiro. “Nunca se deve furar essas barricas com verruma nem broca, porque o pó de serragem acaba misturado à bebida; quando os compradores forem provar o conhaque, vão descobrir que a barrica não estava intacta. Mas o furo que vamos fazer não produz pó de madeira, e é tão pequeno que praticamente torna a se fechar sozinho. Agora desloque um pouco um dos arcos da barrica.”

Stockdale pegou o malho e fez o que ela mandava.

“Agora faça um furo na área que estava coberta pelo arco.”

Ele furou a barrica da maneira indicada. “Por esse furinho não vai sair nada”, ele disse.

“Ah, pode ter certeza que vai”, ela respondeu. “Prensa a barrica firmemente entre os dois joelhos e aperte as duas tampas assim que eu segurar o copo.”

Stockdale obedeceu; a pressão fez efeito na barrica, que parecia de madeira fina, e a bebida jorrou pelo furo. Quando o copo se encheu, Stockdale parou de fazer pressão e o jorro parou na mesma hora. “Agora precisamos completar

a barrica com água”, disse Lizzy, “ou o conteúdo vai chacoalhar quando alguém levantar a barrica, e perceberão que não está cheia.”

“Mas não lhe disseram que podia pegar a bebida?”

“Sim, mas quem me autorizou foram os contrabandistas; os compradores não podem saber que eu tive acesso à bebida pela qual pagaram.”

“Entendi”, respondeu Stockdale, sem muita segurança. “Mas a honestidade de toda a manobra me parece bastante questionável.”

Seguindo a orientação de Lizzy, ficou segurando a barrica com o furo para cima, e enquanto ele alternava entre apertar e aliviar a pressão nas duas tampas, ela pegou uma garrafa de água com a qual enchia a boca antes de colar os adoráveis lábios ao buraco pelo qual a água se misturava à bebida cada vez que cessava a pressão nas tampas da barrica. Quando o recipiente ficou novamente repleto, Lizzy tapou o furo, devolveu o arco à posição original com uma pancada da marreta e acomodou a barrica de volta na posição anterior.

“Os contrabandistas não têm medo de uma denúncia sua?”, perguntou Stockdale, enquanto atravessavam o cemitério retornando para casa.

“Oh, não; não se preocupam nem um pouco. Eu não posso denunciar.”

“Então é que devem ter algum meio de mantê-la sob controle”, ripostou Stockdale em tom enfático. “Como é uma pessoa honesta, às vezes a senhora deve sentir-se obrigada a apresentar uma denúncia — e, na verdade, é o que deveria fazer.”

“Bem, nunca achei que fosse propriamente minha obrigação; além disso, meu primeiro marido...” Ela se interrompeu, e assumiu uma expressão um pouco constrangida. Stockdale era tão honesto e desprovido de malícia que, num primeiro momento, não entendeu o motivo da interrupção; mas finalmente percebeu que aquelas palavras lhe tinham escapado, e que mulher alguma jamais diria “primeiro marido” por acidente, a menos que lhe ocorresse pensar às vezes num segundo. Ficou tocado com o desconcerto de Lizzy, e deu-lhe tempo de se recompor antes de seguir adiante. “Meu marido”, ela se corrigiu, “sabia das atividades deles, e meu pai também; os dois sempre guardaram segredo. Na verdade, não há ninguém que eu pudesse denunciar.”

“Estou vendo que é uma circunstância difícil”, continuou ele, acostumado a se aprofundar em questões morais. “E é muito cruel que a senhora se veja assim imobilizada, hesitando entre suas memórias e a sua consciência. Mas espero, sra. Newberry, que logo consiga encontrar uma boa saída para essa situação incômoda.”

“Por enquanto, não vejo maneira”, ela murmurou.

A essa altura, já tinham ultrapassado o muro e entrado de volta em casa. Ela lhe trouxe um copo e um pouco de água quente, deixando-o entregue às suas reflexões. Stockdale seguiu com os olhos aquela silhueta que desaparecia, ponderando se ele, um homem respeitável, e um pregador, um guia, mesmo

que seu brilho ainda não superasse o de uma vela modesta, tinha justificativa para aqueles atos. Mas um espirro decidiu o dilema; e Stockdale descobriu, ao engolir o líquido ardente diluído em duas ou três partes de água, que aquele era um dos melhores remédios para resfriado que jamais tinha conhecido, especialmente naquela época fria do ano.

Passou ainda cerca de vinte minutos bebericando e refletindo na poltrona funda, até finalmente chegar a uma visão mais amena das coisas e começar a ansiar pelo dia seguinte, quando tornaria a se deparar com a sra. Newberry. E então concluiu que, embora cronologicamente próximo, do ponto de vista emocional, esse amanhã ainda tardaria muito, e começou a andar inquieto pela sala. Seu olhar foi atraído pela moldura que continha um bordado protegido por uma camada de verniz, em que vários pinheiros e pavões rodeavam uma singela expressão de sentimento:

O aroma da roseira que dá flor
É o perfume que produzo em minha vida;
Uma rosa que perdeu o seu odor
É o que eu deixo, depois da despedida.

Lizzy Simpkins. Temor a Deus. Honra ao Rei. Idade: 11 anos.

“É dela”, ele se disse em voz baixa. “Céus, como eu gosto desse nome!”

Antes que pudesse recapitular sistematicamente que nenhum outro nome, de Abigail a Zenobia, conviria tão bem a sua jovem hospedeira, tornou a ouvir as duas pancadas na porta; e teve um sobressalto ao ver o rosto dela aparecer mais uma vez, ostentando uma expressão tão desinteressada que o mais sagaz dos observadores não conseguiria perceber que tinha vindo aticar os sentimentos do jovem pregador com seus olhos sedutores.

“Quer um fogo aceso no seu quarto, sr. Stockdale, por causa do resfriado?”

O jovem religioso, com a consciência ainda um pouco doída por ter tomado a aguardente diluída em obediência às instruções que ela lhe dera, vislumbrou uma oportunidade de aplicar-se um corretivo. “Não, muito obrigado”, respondeu em tom firme; “não é preciso. Não tenho o costume de dormir com a lareira acesa, e acho que seria um luxo, uma indulgência excessiva.”

“Então não vou insistir”, ela respondeu, e o deixou desconcertado ao eclipsar-se bruscamente.

Desconfiando de que a anfitriã ficara contrariada com sua negativa, Stockdale se arrependeu de ter recusado o fogo aceso, embora a lareira pudesse superaquecer o quarto e pôr em risco a disciplina interior que o pregador vinha observando nos doze dias anteriores. Ainda assim, consolou-se com o que

trazia de fato uma rara satisfação para um enamorado nos primórdios da paixão: encontrar-se debaixo do mesmo teto que Lizzy — a convite dela, interpretando sua condição de hóspede com alguma liberdade poética — e saber que tornaria a vê-la no dia seguinte.

A manhã chegou e Stockdale acordou cedo, praticamente refeito do resfriado. Nunca em sua vida havia esperado o café da manhã com tanta ansiedade, e pontualmente às oito. Depois de uma breve caminhada de reconhecimento pelos arredores, tornou a entrar em casa. O desjejum foi servido por Martha Sarah e se encerrou sem que ninguém surgisse por conta própria, como na noite anterior, para lhe perguntar se desejava mais alguma coisa, ou tentar adivinhar suas vontades. Ficou decepcionado e saiu, esperando tornar a vê-la no almoço. O almoço foi servido; sentou-se à mesa, terminou a refeição e continuou sentado por uma hora a fio, embora houvesse duas novas professoras à sua espera na capela para uma reunião que ele próprio tinha marcado. Mas prolongar a espera não adiantou, e Stockdale saiu caminhando lentamente entre as árvores, reconfortado apenas pela ideia de que, afinal, tornaria a vê-la à noite, e quem sabe repetissem a irresistível operação de perfurar barricas na igreja ao lado, que ele decidira tornar mais moralmente aceitável insistindo, se viesse a ocorrer, para não completarem seu conteúdo com água, mesmo que depois a substância chacoalhasse dentro da barrica. Mas não havia como negar que a atividade era fora do normal; e irritou-se ao constatar que aquela ideia interessava bem mais ao seu espírito que o rigor dos seus deveres.

Essa contrição também dissipou-se ao findar do dia. Vieram o anoitecer, a hora do chá e depois a do jantar; mas nada de Lizzy Newberry, de alguma adorável tentação. Finalmente, o religioso não se conteve mais e perguntou à estabanada serviçal que o atendia: “Onde está a sra. Newberry?”, dando-lhe a gratificação de um pêni, como era recomendado em casos assim.

“Está ocupada”, respondeu Martha.

“Aconteceu alguma coisa?”, ele perguntou, entregando-lhe mais um pêni e acenando com a promessa de mais moedas se a conversa progredisse.

“Oh, não, nada de sério!”, disse ela, com absoluta segurança. “Ela nunca tem nada. Só está deitada no quarto, como acontece às vezes.”

Sendo um jovem razoavelmente honrado, Stockdale jamais insistiria em perguntar mais e, imaginando que Lizzy pudesse estar acometida de uma dor de cabeça ou algum mal-estar ligeiro, ao contrário do que a jovem lhe dissera, recolheu-se desapontado, sem ter posto os olhos sequer na idosa sra. Simpkins. “Ontem à noite achei que fosse vê-la hoje”, ruminou ele, “mas não foi assim.”

No dia seguinte sua sorte foi melhor, ou pior, tendo encontrado Lizzy ao pé da escada de manhã cedo e depois sendo brindado por uma ou duas visitas

dela ao longo do dia — a primeira para perguntar-lhe em tom gentil se estava confortável, como na primeira noite, e depois para pousar em sua mesa um vaso de violetas de inverno com a promessa de trocá-las quando murchassem. Nas duas ocasiões, alguma coisa no sorriso de Lizzy deixava claro que ela estava consciente do efeito que produzia, embora seja preciso dizer que seu intento era antes divertir-se do que chegar a um certo resultado, e que saboreava o efeito mais por orgulho que por vaidade.

Quanto a Stockdale, ele percebeu, então, com toda a clareza, que tinha uma vocação ilimitada para a derrocada, e desejou que também os não conformistas merecessem a tutela de um santo protetor. Exerceu um controle cerrado sobre sua língua e seus olhos pelo tempo total de uma hora e meia, ao fim da qual concluiu que seria inútil continuar a debater-se, rendendo-se às circunstâncias. “O próximo pastor há de chegar daqui a um mês”, pensou, sentado ao lado do fogo. “Então vou embora, e ela não perturbará mais o meu espírito!... Depois, continuo vivendo sozinho para sempre? Não! Ao fim dos meus dois anos de experiência, terei uma casa mobiliada para morar, com a porta envernizada e uma aldraba de latão; aí venho diretamente à procura dela, e a peço em casamento sem demora, assim que ela tiver guardado o último prato no aparador!”

E dessa forma transcorreu uma quinzena de seduições para o jovem Stockdale, durante a qual os fatos se desenrolaram como sempre ocorreu em situações como essa, desde o início da história humana. Num dia o pregador avistava o objeto de sua devoção várias vezes, no dia seguinte não a via de todo; topava com ela quando menos esperava e dela se perdia quando todos os sinais levavam a crer num encontro. Esse flerte ligeiro talvez fosse aceitável nessas condições de proximidade, e Stockdale procurava lidar com ele da maneira mais filosófica possível. Como Lizzy estava em sua própria casa, sempre podia, depois de sonegar sua presença e deixá-lo decepcionado, reconquistar sem dificuldade as boas graças do jovem com as pequenas atenções que sua posição de hospedeira lhe permitia. Depois que ele passava metade de um dia em casa esperando estar com ela e entendia afinal que ela não queria ser vista, partindo bruscamente em caminhadas pela trilha mais desolada e úmida das imediações, ela restaurava o equilíbrio na mesma noite dizendo: “Sr. Stockdale, estive pensando que uma corrente de ar frio podia estar entrando à noite por sua janela, e por isso, quando o senhor saiu hoje à tarde, instalei cortinas mais grossas no seu quarto” ou “Percebi que hoje de manhã o senhor espirrou duas vezes, sr. Stockdale. Fique sabendo que ainda não está livre do resfriado, tenho certeza — penso nisso o tempo todo; vou temperar um preparado quente para o senhor”.

Às vezes, ao voltar para casa, ele encontrava uma nova arrumação dos móveis de sua antessala: as cadeiras no lugar onde antes ficava a mesa, a mesa

ornamentada com as flores e folhagens frescas disponíveis àquela altura do ano, tudo para renovar a aparência do aposento. Às vezes ele a encontrava de pé no assento de uma cadeira do lado de fora, tentando pregar um ramo da rosa trepadeira que o vento de inverno tinha desprendido; é claro que se dispunha a ajudá-la, e as mãos se tocavam quando tiras de pano ou pregos eram passados de um para o outro. Era assim que faziam as pazes depois de um desentendimento. Nessas ocasiões, ela dizia algumas palavras graciosas, recriminando-se por incomodá-lo uma vez mais, ao que ele prontamente respondia que faria por ela até cem vezes mais, se ela precisasse.

1 Sobre as denominações religiosas envolvidas no texto: no original, o recém-chegado (descrito inicialmente como um pregador, *preacher*, ou seja, um religioso autorizado a pronunciar sermões, mas não um ministro ordenado, *minister*, com funções plenas de pastor) é “wesleyano”, que dicionários apontam como sinônimo de “metodista”, embora esta equivalência seja imprecisa. Trata-se na verdade de uma variedade inglesa de metodismo (oposta ao chamado “metodismo galês”, de influência calvinista), que adotou os ensinamentos do reverendo John Wesley após sua morte, quase ao final do séc. XVIII. A “Igreja episcopal” de que Hardy fala aqui é a que hoje se chama de Igreja anglicana (Church of England). O termo “Igreja episcopal” é mais usado atualmente fora da Inglaterra, especialmente nos EUA (sede da Igreja episcopal internacional), onde a denominação lançou raízes em 1785. Na época de que fala o autor, porém, também no Reino Unido, a Igreja episcopal era constituída pela reunião da Igreja inglesa com outras denominações protestantes que tinham, em comum com ela, “um *ethos* anglicano”. As diferentes denominações em que se subdividiam e ainda se subdividem os credos reformados, portanto, ainda que diversas umas das outras, reuniam-se na época sob essa designação geral e, ocasionalmente, para cultos comuns nas mesmas capelas, como refere a narrativa de Hardy. Reunidos sob o rótulo geral de *dissenters* (traduzidos comumente como “dissidentes”), mas também chamados de *nonconformists* (“não conformistas”), eram adeptos da Reforma que, depois do cisma que separou a Inglaterra da Igreja de Roma em 1534, desviaram-se do ramo principal da Igreja anglicana por não aceitarem a submissão desta à Coroa da Inglaterra. Resultou daí a criação de várias congregações, entre elas os metodistas, os batistas, os presbiterianos, os *quakers*, os anabatistas, os puritanos etc. (Todas as notas são do tradutor)

COMO ELE VIU DOIS OUTROS HOMENS

Com a situação já adiantada a esse ponto, Stockdale ficou muito surpreso num garofim de tarde nublado quando, sentado em seu quarto, ouviu Lizzy à porta repreendendo alguém em voz baixa. Já era quase noite fechada, mas como as persianas ainda estavam abertas e as velas não haviam sido acesas, Stockdale cedeu à tentação de esticar o pescoço e olhar pela janela. Junto à porta, viu um jovem vestindo roupas praticamente brancas, e logo concluiu que havia de ser o moleiro corpulento e bem-apegoado que morava um pouco mais abaixo. Sua voz alternava entre a firmeza e um quase sussurro, assumindo às vezes um tom franco de súplica; mas Stockdale não conseguiu distinguir suas palavras.

Antes que aquele colóquio acabasse, a atenção do pregador foi atraída por um segundo incidente. Em frente à casa de Lizzy crescia um magote de loureiros que formava uma sombra densa e permanente. Um dos ramos de loureiro tremeu contra o fundo um pouco mais claro do céu, e houve um momento em que a cabeça de um homem revelou-se entre os galhos e ficou ali parada. Parecia também muito interessado na conversa em andamento junto à porta, e estava claramente postado ali para poder acompanhar tudo. Se Stockdale ocupasse outra posição junto a Lizzy que não a de mero apaixonado em segredo, poderia ter saído para investigar o que aquilo significava; mas ainda não passava de um amigo sem maiores privilégios, e se limitou a ficar de pé e revelar sua presença no aposento claro, ao que a testemunha desapareceu e Lizzy e o moleiro prosseguiram a conversa em voz mais baixa.

Stockdale ficou tão incomodado com esse cenário que, assim que o moleiro foi embora, disse: “Sra. Newberry, percebeu que estava sendo observada agora mesmo, e que alguém escutava a sua conversa?”.

“Quando?”, ela perguntou.

“Quando estava conversando com o moleiro. Um homem acompanhava tudo da sombra de um loureiro, e com tamanho interesse que parecia querer devorá-la com os olhos.”

Lizzy mostrou-se mais preocupada do que devia com um fato tão insignificante, e Stockdale acrescentou: “Vocês dois estariam falando de coisas que não queriam que ninguém ouvisse?”.

“Só falamos de negócios”, ela respondeu.

“Lizzy, diga a verdade!”, insistiu o jovem. “Se fossem só negócios, por que alguém iria se esforçar tanto para escutar a conversa?”

Ela o encarou com um ar de curiosidade. “O que o senhor acha que podia ser, então?”

“Ora, o tipo de conversa entre uma jovem e um homem que pode interessar a algum bisbilhoteiro.”

“Ah, sim”, ela respondeu, sorrindo apesar de preocupada. “Bem, o primo Owlett já me falou de casamento algumas vezes, é verdade; mas não foi sobre isso que conversamos agora. Quem dera, e lhe digo de coração, que o assunto fosse esse. Eu ficaria bem menos inquieta.”

“Ah, sra. Newberry!”

“É verdade. Não que eu fosse concordar, veja bem. Preferia por outros motivos. Obrigada, sr. Stockdale, por me falar do outro ouvinte. Seu aviso chegou na hora certa, e agora preciso falar de novo com meu primo.”

“Mas não antes que eu acabe”, pediu o pastor. “Vou dizer tudo de uma vez, sem rodeios. Vamos decidir se é *sim* ou *não* entre nós, Lizzy, por favor!” E estendeu-lhe a mão, em que ela pousou a sua sem dizer nada.

“Quer dizer que *sim*?”, ele perguntou, ao fim de algum tempo.

“Você pode ser meu namorado, se quiser.”

“Por que então não diz logo que vai me esperar até eu conseguir uma casa e poder voltar para nos casarmos?”

“Porque agora estou pensando... pensando em outra coisa”, respondeu ela, acabrunhada. “Tudo está acontecendo comigo ao mesmo tempo, e só tenho como cuidar de uma coisa por vez.”

“De qualquer maneira, Lizzy, você me garante que não irá conversar com o moleiro sobre outra coisa além de negócios? Você nunca estimulou esses projetos dele?”

Ela se esquivou da pergunta dizendo: “É que, eventualmente, ele e os amigos dele têm o costume de guardar coisas em minha propriedade, e, como eu nunca recusei, ele às vezes pode exagerar”.

“Coisas... que coisas?”

“As barricas — aqui chamamos de ‘coisas’.”

“Mas por que não recusa, querida Lizzy?”

“Porque não posso.”

“Mas não devia ter medo. Não é certo ele abusar assim e pôr em risco o seu bom nome com essa história de contrabando. Prometa que da próxima vez que ele quiser deixar suas barricas aqui você me permite empurrar todas para o meio da rua.”

Ela fez que não com a cabeça. “Eu não me atreveria a ofender meus vizinhos a esse ponto”, respondeu, “ou qualquer coisa que pudesse fazer o pobre Owlett cair nas mãos da guarda aduaneira.”

Stockdale suspirou, e disse que achava um erro ela deixar-se levar, por generosidade, a colaborar com quem sonegava os tributos devidos à Coroa.

“De qualquer maneira, deixe-me mantê-lo distante de você e esclarecer que não vai se casar com ele?”

“Não, por favor, não por enquanto”, ela disse. “Não quero ofender meus velhos vizinhos. Owlett não é o único envolvido.”

“Isso não é bom”, respondeu Stockdale com impaciência.

“Dou-lhe minha palavra de honra que não vou alimentar o interesse dele por mim”, Lizzy respondeu em tom sério. “Isso deveria bastar para um homem razoável.”

“Exatamente o que eu sou”, disse Stockdale, com a expressão do rosto desanuviada.

A SOBRECASACA MISTERIOSA

A partir desse dia, Stockdale começou a reparar num traço da vida de sua bela anfitriã que só tinha observado de passagem, mas nunca lhe dera mais o que pensar. É que ela costumava levantar-se em horários muito irregulares. Passava uma ou duas semanas sendo satisfatoriamente pontual, descendo para o café da manhã poucos minutos depois das sete e meia; mas de um dia para o outro, às vezes por três ou quatro dias seguidos, só se mostrava ao meio-dia; e houve duas ocasiões em que ele constatou, com provas concretas, que ela não havia saído do quarto antes das três e meia da tarde. A segunda vez que se deu conta desse atraso extremo foi num dia em que estava especialmente ansioso por conversar com ela sobre seu futuro e concluiu, como nas outras ocasiões, que devia estar resfriada, com dor de cabeça ou algum outro mal-estar, a menos que preferisse manter-se invisível para evitar o encontro e a conversa com ele, no que não era capaz de acreditar. A primeira hipótese, porém, revelou-se descabida quando ela lhe declarou com toda a inocência, numa conversa que tiveram poucos dias depois sobre alguma questão de saúde, que não havia sentido um momento sequer de indisposição, dor de cabeça ou qualquer outro mal-estar desde janeiro do ano anterior.

“Fico feliz de saber”, ele disse. “Minha impressão era outra.”

“Acha que eu pareço doente?”, ela perguntou, erguendo o rosto para mostrar como era impossível para ele fitá-la e duvidar de sua boa saúde por um momento que fosse.

“De maneira alguma; é só porque às vezes você passa a maior parte do dia fechada no quarto.”

“Ah, isso! Não quer dizer nada”, ela respondeu num murmúrio, com uma expressão que podia ser entendida como sinal de indiferença e era a que ele menos gostava de ver no rosto dela. “É apenas sono, sr. Stockdale.”

“Não pode ser!”

“Pois lhe garanto que sim. Quando fico no quarto até três e meia da tarde, pode ter certeza de que dormi profundamente até as três, pois do contrário já teria saído.”

“Que coisa horrível”, disse Stockdale, pensando nos efeitos desastrosos que esse tipo de indulgência poderia provocar na residência de um pastor, caso se tornasse um hábito diário.

“Contudo”, ela completou, adivinhando os bem-intencionados

pensamentos do jovem sobre o futuro, “isto só acontece quando passo a noite inteira acordada. Às vezes só vou dormir às cinco ou seis da manhã.”

“Ah, então é diferente”, respondeu Stockdale. “Mas esse grau extremo de insônia é uma verdadeira doença. Já consultou um médico?”

“Não, não é preciso; no meu caso, é uma coisa natural.” E se afastou dele sem dizer mais nada.

Stockdale podia ter levado muito mais tempo para descobrir a verdadeira causa da insônia de Lizzy, não fosse o ocorrido numa noite escura em que estava sentado em seu quarto, escrevendo notas para um sermão que o manteve ocupado bem mais do que devia depois que as moradoras da casa se retiraram. Só foi para cama à uma da manhã. Antes de adormecer, ouviu batidas na porta da frente, primeiro bem tímidas, depois mais altas. Ninguém atendeu, e a pessoa tornou a bater. Como a casa continuava sem movimento, Stockdale se levantou, abriu a janela de onde se via a porta e perguntou quem era.

A voz de uma jovem respondeu que era Susan Wallis, e que tinha vindo pedir à sra. Newberry um pouco de mostarda para um emplastro, pois seu pai estava doente, sofrendo muito do peito.

O pastor, que não tinha sineta nem criado, precisou responder em pessoa. “Vou chamar a sra. Newberry”, ele disse. Vestindo-se parcialmente, saiu para o corredor e bateu fraco na porta de Lizzy. Ela não respondeu. Lembrando-se dos hábitos erráticos da anfitriã em matéria de sono, Stockdale bateu com mais vigor, e descobriu que a porta estava só encostada quando suas batidas a fizeram se abrir. Como não havia mais obstáculo para a sua voz, parou de bater e disse com voz firme: “Sra. Newberry, estão à sua procura”.

O quarto estava em completo silêncio; nada de respiração ou qualquer ruído. Stockdale, então, gritou francamente, pelo espaço aberto da porta: “Sra. Newberry!”. Nenhuma resposta ainda, nem movimento no quarto. Então escutou sons vindos do quarto em frente, o da mãe de Lizzy, indicando que ao contrário da filha ela havia acordado com aquela comoção e se vestia às pressas. Stockdale fechou a porta da jovem sem fazer barulho e se dirigiu para a porta do outro lado do corredor, aberta pela sra. Simpkins antes mesmo que ele lá chegasse. Ela vestia roupas comuns, e tinha uma lamparina na mão.

“O que a pessoa está querendo?”, ela perguntou, alarmada.

Stockdale contou-lhe o que a moça lhe dissera e acrescentou, em tom grave: “Não consigo acordar a sra. Newberry”.

“Não se preocupe com isso”, respondeu a mãe dela. “Posso atender a jovem tão bem quanto a minha filha.” Saiu do quarto e desceu as escadas.

Stockdale retirou-se para os seus aposentos, dizendo, porém, à sra. Simpkins do alto da escada, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer: “Algum problema com a sra. Newberry para eu não ter conseguido acordá-

la?».

“Ah, não”, respondeu apressada a velha senhora. “Nenhum problema.”

Ainda assim, o pastor não ficou satisfeito. “A senhora pode ir lá olhar?”, perguntou. “Eu ficaria bem mais tranquilo.”

A sra. Simpkins voltou a subir as escadas, foi até o quarto da filha e saiu quase de imediato. “Nada de errado com Lizzy”, ela disse, e tornou a descer para atender a visitante, que, tendo visto a luz, não dissera mais nada todo esse tempo.

Stockdale voltou para o seu quarto e tornou a deitar-se. Ouviu a mãe de Lizzy abrir a porta da frente, convidar a jovem a entrar e depois uma conversa murmurada entre as duas enquanto se dirigiam ao armário da despensa em busca do remédio pedido. A moça despediu-se, a porta foi trancada, a sra. Simpkins subiu as escadas e a casa retornou ao silêncio. Ainda assim o pastor não adormeceu. Não conseguia livrar-se de uma suspeita singular, especialmente incômoda porque, se confirmada, seria a coisa mais inexplicável da sua vida. Que Lizzy Newberry estivesse em seu quarto quando ele fez tamanho escarcêu à sua porta era algo de que nada podia convencê-lo, embora ele tivesse ouvido a jovem subir as escadas na hora de sempre, entrar em seu quarto e fechar a porta como de costume. Ainda assim, era tão contrário à razão que ela pudesse ter saído que Stockdale se viu obrigado a voltar à teoria improvável de um sono muito pesado, embora não tivesse percebido nenhum som de respiração ou movimento em resposta a seus chamados e ao estardalhaço de suas batidas na porta, que teriam despertado os Sete Adormecidos da lenda.²

Antes de chegar a qualquer conclusão definitiva, ele próprio adormeceu, acordando só com o dia claro. Não viu sinal da sra. Newberry pela manhã, antes de sair com o sol ainda baixo, como costumava fazer quando o tempo estava firme; mas esse desencontro não era em nada incomum, e nem lhe causou preocupação. À hora do café, percebeu que ela não devia estar longe, pois ouviu sua voz na cozinha, e embora não a tenha visto, pois seu acesso era rigorosamente vedado àquela área dos fundos da casa, pareceu-lhe ouvi-la falando, dando ordens e ocupada em meio aos utensílios e panelas da cozinha, de um modo tão corriqueiro que não havia motivo para perder mais tempo com conjecturas inúteis.

Esses acontecimentos perturbavam o pastor, o que em nada contribuía para seus sermões de improviso. No púlpito, já havia confundido romanos e coríntios, e entoava hinos de métrica estranha e truncada até então deixados de lado por não se encaixarem nas melodias conhecidas pela congregação. Decidiu então que, como se aproximava o fim de suas poucas semanas de permanência na cidade, precisava pôr fim ao problema, e assumir o compromisso de um pedido definitivo de noivado, deixando o arrependimento

para mais tarde, se fosse o caso.

Com esse objetivo em mente, na noite seguinte à do episódio do sono misterioso, convidou Lizzy para um passeio pouco antes do anoitecer, lembrando que poderiam voltar para casa sem serem vistos. Ela concordou; e saíram os dois, subindo os degraus de uma passagem por cima da cerca e chegando a uma trilha resguardada, própria para a ocasião. No entanto, apesar dos esforços de parte a parte, não conseguiram infundir muita animação ao passeio. Lizzy parecia mais pálida que de costume, e de tempos em tempos desviava o rosto.

“Lizzy”, disse Stockdale em tom queixoso, depois de percorrerem uma boa distância em silêncio.

“Sim”, ela respondeu.

“Você bocejou. É o valor que dá à minha companhia!” Foi a frase que ele disse, mas na verdade ponderava se aquele bocejo não podia ter mais a ver com o cansaço físico da noite anterior que com algum tédio ante a situação presente. Lizzy pediu desculpas e admitiu estar cansada, o que até lhe permitiria uma pergunta direta sobre a questão; mas a timidez do jovem não deixou que perguntasse, e mesmo incomodado decidiu esperar.

O mês de fevereiro passou, com a alternância de lama e gelo, chuva e neve, ventos de leste e vendavais de noroeste. Nos buracos que os arados deixavam nos campos, continuava alta a água que o solo ainda não havia tido tempo de absorver. As aves começavam a se animar, e um tordo solitário aparecia diariamente pouco antes do crepúsculo, cantando confiante no grande olmo próximo à casa da sra. Newberry. As rajadas de vento gelado e o solo quebradiço foram sucedidos por uma umidade lamacenta mais desagradável que o gelo, mas era um prenúncio da primavera; um contratempo tolerável.

Stockdale esteve a ponto de entabular entendimentos práticos com Lizzy pelo menos meia dúzia de vezes; mas tendo em vista o mistério de sua ausência aparente na noite em que foi procurada pela vizinha, e seu curioso costume de se levantar em horários inexplicáveis, o pastor sentia que alguma coisa o tolhia cada vez que pensava em falar claro. Ainda estavam ligados por um compromisso vago, mas nem ele nem ela eram plenamente vistos como a escolha final do outro. Stockdale se convenceu de que sua hesitação se devia ao adiamento da chegada do pastor ordenado e ao consequente atraso da sua partida, o que o dispensava de acelerar o namoro; mas talvez fosse apenas o predomínio de sua índole sóbria, recomendando-lhe formar uma ideia mais clara de quem era Lizzy antes de celebrar com ela o contrato mais importante da sua vida. Ela, por sua vez, parecia sempre disposta a ir mais longe nessa questão do que ele até então conseguira avançar; mas ainda assim se mantinha independente, a um grau que jamais deixaria de espicaçar a paixão de um homem mais volúvel.

No fim da tarde de primeiro de março, ele entrou despreocupado em seus aposentos ao cair da noite e encontrou, numa das cadeiras, uma sobrecasaca, um chapéu e um par de culotes. Como não se lembrava de ter deixado roupa alguma ali, examinou as peças o melhor que pôde à meia-luz do crepúsculo e logo viu que não lhe pertenciam. Ficou algum tempo imóvel, perguntando-se como poderiam ter ido parar ali. Era o único morador homem da casa; e aquelas roupas certamente não lhe pertenciam, salvo um engano considerável. Não, não eram dele. Chamou Martha Sarah.

“Como essas coisas vieram parar no meu quarto?”, perguntou, deixando cair as roupas no chão.

Martha disse que a sra. Newberry entregara-lhe aquelas roupas para escovar, e que as trouxera para cima achando que só podiam ser do sr. Stockdale, já que não havia outro homem na casa.

“Está explicado”, disse Stockdale. “Agora devolva para a sua patroa, e diga a ela que as encontrei aqui, mas não sei de onde vieram.”

Como Martha deixou a porta aberta, ele ouviu a conversa entre as duas no andar térreo. “Mas que estupidez!”, exclamou irritada a sra. Newberry. “Por acaso eu lhe disse que levasse as roupas para o quarto do sr. Stockdale?”

“Pensei que só podiam ser dele, de tão enlameadas que estavam”, respondeu Martha em tom humilde.

“Devia ter posto no cabide de pé do meu quarto”, respondeu a jovem patroa em tom severo, e subiu com as roupas dobradas no braço, passando rapidamente pela porta do quarto de Stockdale e enfiando as roupas às pressas no armário no extremo do corredor. Foi o fim do incidente, e a casa retornou ao silêncio.

Não haveria nada de mais em encontrar aquelas peças de roupa na casa de uma viúva se estivessem limpas, roídas de traças, amarrotadas, ou mofadas por muito tempo sem uso; mas as manchas recentes de lama deixaram Stockdale muito intrigado. Quando um jovem pastor se encontra no estágio mais inseguro de uma ligação, sujeito ao desassossego pelo mais ligeiro dos motivos, uma incongruência substancial como essa é muito perturbadora. Nada mais ocorreu àquela altura; mas ele ficou mais vigilante e dado a conjecturas, incapaz de esquecer o episódio.

Certa manhã, ao olhar por sua janela, viu a própria sra. Newberry escovando as costas de uma sobrecasaca pardacenta que, salvo engano, era exatamente a mesma que havia encontrado dias antes na cadeira do quarto. Até a altura da fenda nas costas estava coberta de borrifos da lama das proximidades de Nether-Moynton, a julgar pela cor, pois as manchas eram visíveis à luz do sol. Como havia chovido na véspera, ou nos dois dias anteriores, era inevitável deduzir que quem usara aquela sobrecasaca tinha percorrido, pouco tempo antes, uma distância considerável pelas trilhas e os

campos das redondezas. Stockdale abriu a janela e olhou para fora, e a sra. Newberry virou a cabeça. Ficou muito corada, e nunca havia parecido a Stockdale mais bela, ou menos compreensível. Ele lhe dirigiu um aceno afetuoso desejando-lhe bom-dia; ela respondeu encabulada, tendo interrompido a tarefa no momento que o viu, e enrolou a sobrecasaca sem acabar de limpá-la.

Stockdale fechou a janela. Alguma explicação simples para aquilo haveria de existir no terreno do possível; mas naquele momento nada lhe ocorria; e desejou que ela tivesse eliminado quaisquer novas conjecturas tomando a iniciativa de dizer alguma coisa sem perda de tempo.

No entanto, embora não tenha apresentado uma explicação na mesma hora, Lizzy voltou ao assunto no encontro seguinte entre os dois. Conversava com ele sobre outras coisas e comentou que algum outro fato havia ocorrido bem na hora que escovava algumas roupas velhas do finado marido.

“Você cuida das roupas dele em respeito à sua memória?”, Stockdale se arriscou a sugerir.

“Volta e meia eu tiro o pó de todas, e ponho para arejar”, ela respondeu, com a inocência mais encantadora.

“E por aqui os mortos saem da cova para andar na lama?”, murmurou o pastor, suando frio diante da falsidade que ela tentava lhe apresentar.

“O que disse?”, perguntou Lizzy.

“Nada, nada”, respondeu ele em tom sóbrio. “Só palavras — uma frase que posso vir a usar no sermão de domingo.” Ficou evidente que Lizzy não sabia que ele tinha visto os borrifos de lama, que só podiam ter sido produzidos por passos, nas costas da sobrecasaca reveladora, imaginando que ele pudesse acreditar que havia saído de algum baú ou gaveta.

O caso começava a assumir um aspecto sensivelmente mais nebuloso. Stockdale ficou tão deprimido que não refutou o que ela dizia, não ameaçou partir em missão para alguma ilha incivilizada e nem manifestou qualquer forma de reprimenda. Limitou-se a se afastar dela depois da conversa e mergulhou numa perplexidade constante; seu comportamento habitual tornou-se aos poucos tristonho e embaraçado.

2 Os “Sete Adormecidos”: lenda segundo a qual sete jovens cristãos de Éfeso se refugiaram numa caverna próxima à cidade, em 250 d.C., para escapar à perseguição romana, e emergiram por milagre trezentos anos mais tarde, quando o perigo já havia passado, como se tivessem dormido uma única noite.

POR OCASIÃO DA LUA NOVA

A quinta-feira seguinte foi de tempo inconstante, variando entre úmida e encoberta, e a noite se anunciava tempestuosa e desagradável. Stockdale viajara pela manhã até Knollsea para alguma cerimônia, e na volta a bela Lizzy foi recebê-lo ainda no caminho. Sob a influência da animação daquele dia ou da viagem ao ar livre, ou de sua disposição natural a não se entregar à ruminação do passado, ele foi capaz de esquecer o incidente da sobrecasaca e, no geral, viver um fim de tarde agradável; não exatamente junto a Lizzy, mas ao alcance do som de sua voz, enquanto ela conversava na saleta do fundo com a mãe até esta se recolher. Pouco depois disso a sra. Newberry também foi para o quarto, ao que o próprio Stockdale da mesma forma se preparou para subir as escadas. Antes de deixar a sala, porém, ficou algum tempo de pé ao lado das brasas já quase extintas, pensando por muito tempo em coisas variadas e só voltando plenamente a si quando sua vela bruxuleou no castiçal antes de se apagar. Sabendo que havia no quarto uma caixa com uma pederneira, mechas e outra vela, subiu as escadas no escuro, mesmo hesitante. Chegando ao quarto, procurou a caixa às cegas por muito tempo em cada canto e ressalto do aposento. Quando finalmente a encontrou, produziu uma faísca e tentava transformar em fogo a brasa da mecha impregnada de enxofre quando julgou ter ouvido um movimento no corredor. Insistiu em soprar a brasa, uma chama finalmente brotou e, olhando à sua luz azulada pela porta, que ficara aberta o tempo todo, ficou surpreso ao ver uma silhueta de homem que chegava ao alto da escada com a intenção óbvia de uma escapada furtiva. Envergava as roupas que Lizzy tinha escovado, e algo na silhueta e nos movimentos sugeriu ao pastor que quem as vestia era a própria Lizzy.

Mas não chegou a ter certeza e, muito intrigado, decidiu investigar aquele mistério por conta própria. Antes de ter acendido a vela, apagou a mecha com um sopro brusco, saiu para o corredor e dirigiu-se ao quarto de Lizzy na ponta dos pés. A luz cinza-claro que avistou pela janela do quarto revelou-lhe que a porta estava aberta, e sugeriu de imediato que sua ocupante havia saído. Stockdale se virou e desferiu um soco no corrimão da escada: “Era ela; com a sobrecasaca e o chapéu do falecido!”.

Um pouco aliviado por ter descoberto que não havia intruso algum, mas ainda assim surpreso, o pastor desceu as escadas, vestiu sem ruído as botas, o casaco e o chapéu, e tentou abrir a porta da frente. Estava aferrolhada, como

de costume; dirigiu-se à porta dos fundos, constatou que estava destrancada e saiu para o jardim. Era uma noite amena, sem lua, e havia chovido mais cedo. Respingos ocasionais da água acumulada caíam das árvores e dos arbustos a cada sopro de vento que agitava seus ramos. No meio desses ruídos, Stockdale ouviu passos abafados na estrada junto à casa, e pela cadência percebeu que eram de Lizzy. Seguiu o som e, ajudado pelo vento que soprava em sua direção, pôde aproximar-se dela e seguiu-a de perto sem risco de ser ouvido. Enquanto a acompanhava pela rua, que melhor seria chamar de alameda, pois tinha a ladeá-la mais sebes do que casas, uma figura saiu de uma casinha modesta e veio ao encontro dela. Lizzy parou; o pastor recuou para a margem relvada do caminho e também estacou.

“Sra. Newberry?”, perguntou o homem que tinha surgido, cuja voz Stockdale reconheceu — era um dos membros mais devotos de sua congregação.

“Sim”, respondeu Lizzy.

“Tô pronto já, esperando bem há quinze minutos.”

“Ah, John”, ela respondeu, “más notícias; hoje o risco seria grande demais.”

“Eu já esperava! Bem que eu sonhei com isso.”

“Pois é”, respondeu ela depressa; “e agora você deve ir até onde os outros estão esperando, e dizer que só vamos precisar deles amanhã à noite, neste mesmo horário. Eu vou acender o sinal para o barco se afastar.”

“Tô indo”, ele respondeu, e na mesma hora saiu e atravessou um portão, enquanto Lizzy seguia adiante.

Apartou o passo até a alameda se transformar na estrada, que atravessou, tomando o rumo de Ringsworth. Subiu a encosta sem titubear, passou pelo lugarejo isolado de Holworth e enveredou pelo vale que descia do outro lado. Stockdale nunca tinha chegado tão longe em suas caminhadas, mas sabia que seguindo naquela direção haveriam de chegar à beira do mar, que ficava entre três e cinco quilômetros de Nether-Moynton; e como eram mais ou menos onze e quinze da noite quando partiram, ela parecia ter a intenção de atingir a costa perto da meia-noite.

Lizzy subiu uma pequena elevação, que Stockdale contornou discretamente pela esquerda, e um rugido monótono e abafado chegou aos seus ouvidos. O montículo ficava a uns cinquenta metros da beira do penhasco, e tudo indicava que de lá, à luz do dia, devia ser possível descortinar a enseada de fora a fora. Havia no céu uma claridade suficiente para revelar a silhueta disfarçada de Lizzy em destaque quando ela chegou ao topo, onde parou e em seguida sentou-se. Stockdale, não querendo alarmá-la de modo algum àquela altura, mas desejando ficar o mais perto dela que pudesse, pôs-se a engatinhar e subiu ainda um pouco mais antes de parar.

O vento soprava frio, o solo estava úmido, e a posição em que ele estava era

desconfortável. Entretanto, antes que pudesse afastar-se, ouviu vozes às suas costas. O que aquilo significava ele não sabia; ainda assim, temendo que Lizzy pudesse estar em perigo, já estava a ponto de sair correndo para avisar que ela podia ter sido avistada quando a jovem se agachou ao lado de um arbusto que sobrevivia precariamente naquele lugar exposto; sua forma desapareceu, absorvida pela silhueta baixa e escura do arbusto, como se agora fizesse parte da planta. Era evidente que havia ouvido as vozes com a mesma clareza que ele. Os homens passaram perto de Stockdale, falando alto e sem cuidado, fazendo-se ouvir apesar do marulho das ondas e dando a entender que ali não temiam qualquer perigo. Foi o que se confirmou em seguida; parte do que diziam chegou até Stockdale, que esqueceu na mesma hora sua situação adversa.

“Que tipo de barco?”

“Um lugre de três mastros, de umas cinquenta toneladas.”

“Vindo de Cherbourg, imagino.”

“É, acho que sim.”

“A carga é toda de Owlett?”

“Ah, não. Ele só fica com uma parte. Tem mais um ou dois sócios — um deles dono de terras, uma fazenda ou coisa parecida, mas não sei quem podem ser.”

As vozes se afastaram. A cabeça e os ombros dos homens foram diminuindo na direção do penhasco, desaparecendo de sua vista.

“Minha querida cedeu à tentação e se tornou sócia de Owlett, esse pérfido”, lamentou-se o pastor, enquanto o afeto singelo que nutria por Lizzy era atizado até sua mais alta intensidade naquele momento em que ele via a pessoa e o bom nome dela em risco. “É por isso que ela veio”, pensou. “Ah, e pode ser a sua perdição!”

O desassossego de Stockdale cessou com a irrupção súbita de um clarão cada vez mais intenso no ponto onde Lizzy se escondera. Poucos segundos depois, e antes que as chamas atingissem o porte de uma fogueira alta, ouviu-a passar por ele, correndo ladeira abaixo com a velocidade de uma pedra arremessada por uma funda, no rumo de casa. O fogo crescia e se alargava, tornando sua posição visível de longe. Ela havia acendido um ramo seco de tojo, que em seguida enfiou sob o arbusto ao lado do qual se encolhera; o vento atçou as labaredas, que ardiam ferozes e já consumiam todo o arbusto. Stockdale ainda ficou parado mais algum tempo, absorvendo esses detalhes, antes de disparar também no mesmo rumo que a jovem. Sua intenção era alcançá-la e mostrar-lhe que era um amigo; mas logo a perdeu de vista, por mais que corresse. Atravessou às carreiras o campo aberto até Holworth, ao risco de pisar em falso em alguma valeta ou depressão inesperada, até chegar à porteira que separava da estrada o terreno ondulado do campo e se ver

obrigado a parar a fim de recobrar o fôlego. Não escutava sinal algum de movimento à sua frente ou atrás dele, e então concluiu que Lizzy não se havia adiantado à frente dele: ao ouvir aqueles passos que a seguiam, devia ter julgado que fazia parte do grupo de guardas aduaneiros, e se escondera em algum ponto do caminho para deixá-lo passar.

Stockdale prosseguiu na direção da cidade, agora a passo bem mais lento. Ao chegar em casa, constatou que sua dedução estava certa, pois o portão estava fechado com o trinco, mas a porta continuava destrancada, como os tinha deixado. Fechou a porta atrás de si e ficou esperando junto à entrada, em silêncio. Dali a uns dez minutos ouviu os mesmos passos ligeiros que escutara na saída; os pés fizeram uma pausa perto do portão, que se abriu e fechou com um estalido baixo, depois o fecho da porta se ergueu e Lizzy entrou em casa.

Stockdale deu um passo à frente e disse, imediatamente: “Lizzy, não tenha medo. Eu estava à sua espera.”

Ela se assustou, mesmo reconhecendo a voz. “É o sr. Stockdale, não é?”, perguntou.

“Sim”, ele respondeu, permitindo-se alguma irritação agora que ela estava a salvo em casa, livre de sobressaltos. “E em que bela brincadeira a senhora se meteu hoje à noite! Usando roupas de homem, que vergonha para mim!”

Lizzy mal conseguiu responder a essa descompostura inesperada.

“Não estou totalmente vestida de homem”, gaguejou, encostando-se encolhida à parede. “Só estou usando a sobrecasaca, o chapéu e os culotes dele, o que não é grave, pois era meu marido; só me visto assim porque uma capa de mulher o vento levanta, e você não consegue usar os braços. Ainda estou com o meu vestido por baixo dessas roupas. O senhor pode subir e me deixar passar? Eu não queria que me visse num momento assim.”

“Mas tenho o direito de ver. Como acha que pode haver alguma coisa entre nós agora?” Lizzy não disse nada. “Você faz contrabando”, ele concluiu com tristeza.

“Sou dona só de uma parte da carga”, ela respondeu.

“Tanto faz. Por que se associou a um negócio desse tipo, escondendo tudo de mim o tempo todo?”

“Mas não é sempre. É só no inverno, durante a lua nova.”

“Bem, imagino que em outras ocasiões não seja mesmo possível... Fiquei preocupado o tempo todo, Lizzy.”

“Sinto muito”, ela respondeu em tom singelo.

“Ora”, disse ele com a voz mais carinhosa, “mas o pior ainda não aconteceu. Por mim, você não aceita desistir dessa atividade nefasta, e tão perigosa?”

“Tenho de fazer o possível para salvar esse carregamento”, ela respondeu em voz rouca. “Não quero desistir de você... você sabe disso; mas não posso

pôr a perder o que já foi feito. Não sei mais o que faço! Só guardei tudo em segredo por medo de deixá-lo zangado.”

“E tinha razão. Mas digamos que eu tivesse me casado com você antes de descobrir: você continuaria assim mesmo?”

“Não sei. Não fiz planos tão distantes. Só saí hoje à noite para acender um sinal para o barco, pois descobrimos que a Guarda sabia onde as barricas iam ser descarregadas.”

“Em que bela confusão você se meteu!”, disse o jovem pastor angustiado. “E o que vai fazer agora?”

Lizzy murmurou-lhe aos poucos os detalhes dos planos dos contrabandistas, e o principal era tentar a sorte na noite seguinte em algum outro ponto da costa; sempre combinavam três lugares possíveis para descarregar cada entrega, e se uma fogueira sinalizasse ao barco para se afastar do primeiro deles, Ringsworth, como ela havia feito naquela noite, um dia depois o barco devia tentar o segundo, que era Lullstead; e se lá também houvesse alguma ameaça, na terceira noite deviam arriscar o desembarque num terceiro ponto, que ficava mais a oeste, do outro lado de um promontório distante.

“E se lá também a guarda interferir?”, ele perguntou, com um interesse pelos planos que superava no momento o medo que lhe inspirava a participação de Lizzy.

“Aí paramos de tentar nessa fase escura — o tempo da lua nova — e eles podem amarrar as barricas todas no mesmo cabo, atirando ao mar a uma certa distância da costa e marcando bem a posição; aí, quando têm uma oportunidade, voltam e varrem o fundo para pescar a carga.”

“Como assim?”

“Saem num bote arrastando pelo fundo do mar uma fateixa, um ferro com vários ganchos na ponta, até fregar o cabo preso às barricas.”

O pastor ficou parado, pensando; e não se ouvia som algum na casa além do tique-taque do relógio da escada e da respiração de Lizzy, acelerada pela caminhada rápida e pela agitação, enquanto ela permanecia bem junto à parede, mas numa escuridão incompleta que permitia a Stockdale distinguir, contra a superfície caiada, a sobrecasaca e o chapéu que ainda usava.

“Lizzy, tudo isso está muito errado”, ele disse. “Você não se lembra da lição sobre o dinheiro dos tributos? — ‘Dai a César o que é de César’. Você deve ter ouvido a leitura da frase várias vezes enquanto crescia.”

“Ele morreu”, ela disse com um muxoxo.

“Mas mesmo assim o espírito do texto continua em vigor.”

“Meu pai praticava esse negócio, meu avô também, e quase todo mundo em Nether-Moynton vive disso; não fosse por ele, a vida nem valeria a pena, de tão aborrecida.”

“É claro que eu não sirvo de razão para a vida de ninguém”, respondeu ele amargamente. “Você não acha que valeria a pena desistir desse comércio tão insensato e viver só para mim?”

“Essa ideia nunca me ocorreu.”

“E nem pode prometer que espera até eu estar pronto?”

“Hoje à noite não posso lhe dar minha palavra.” E, baixando os olhos pensativos, Lizzy foi se afastando muito aos poucos na direção da sala ao lado, fechando a porta entre eles dois. E ali ficou, no escuro, até ele se cansar de esperar por sua volta e subir para o seu quarto.

O pobre Stockdale passou todo o dia seguinte horrivelmente deprimido com a descoberta da noite anterior. Não havia dúvida de que Lizzy era uma jovem fascinante, mas não podia ser cogitada para esposa de um pastor. “Se eu tivesse escolhido herdar a pequena mercearia do meu pai, em vez de entrar para o clero, ela seria a mulher perfeita para mim!”, ele pensou desalentado, até se dar conta de que, no caso, nunca teria deixado seu lar distante para vir parar em Nether-Moynton, e jamais a teria conhecido.

Os dois não romperam por completo, mas não podiam mais ficar juntos. Num certo momento do dia ele a encontrou no caminho do jardim e disse, pousando nela um olhar de censura: “Você não promete nada, Lizzy?”. Mas ela não respondeu. A tarde demorava a findar, e Stockdale sabia perfeitamente que ela sairia para repetir sua excursão noturna — a maneira como ela havia reagido, quase ofendida, mostrava que não tinha a menor intenção de mudar de planos. Ele não queria voltar a figurar naquela aventura; entretanto, mesmo ocupado, sua preocupação com ela só fazia aumentar à medida que o dia findava. Se algum acidente ocorresse a Lizzy, imaginava, jamais poderia perdoar-se por não estar presente para ajudá-la, por mais que lhe desagradasse dar a mínima impressão de cancelar aquelas escapadas para burlar a lei.

COMO FORAM ATÉ A PEQUENA ENSEADA DE LULLSTEAD E DE LÁ VOLTARAM

Confirmando as expectativas de Stockdale, Lizzy deixou a casa à mesma hora da noite, passando dessa vez pela porta dele sem camuflar seus passos, como se soubesse perfeitamente que ele estaria à espera e tivesse decidido desafiar sua reprovação. E ele estava a postos: saiu depressa do quarto e chegou à porta dos fundos quase ao mesmo tempo que ela.

“Então você está indo, Lizzy?”, ele perguntou, de pé no patamar ao lado dela, novamente com a aparência de um homenzinho com um rosto que discrepava totalmente de suas roupas.

“Preciso ir”, ela disse, intimidada pelo tom severo do jovem.

“Então eu vou também”, disse ele.

“E tenho certeza de que vai achar bom!”, ela exclamou, bem mais alegre. “Todo mundo gosta da experiência.”

“Deus me livre de gostar”, disse ele. “Mas preciso tomar conta de você.”

Abriam o portãozinho e saíram pela estrada lado a lado, mas mantendo certa distância, mal trocando uma palavra. A noite era bem menos favorável a uma atividade clandestina que a anterior, com menos vento e o céu quase limpo para o norte.

“A noite de hoje está bem mais clara”, disse Stockdale.

“Infelizmente sim”, disse ela. “Mas é só a luz daquelas estrelas. A lua hoje já estava nova às quatro da tarde, e eu esperava um céu nublado. Queria resolver tudo hoje à noite mesmo, pois se as barricadas passarem tempo demais na água do mar a bebida fica salobra, e os compradores não gostam muito.”

O trajeto era diferente do da noite anterior, quebrando à esquerda depois de Lord's Barrow assim que saíam da alameda e atravessavam a estrada. Quando chegavam a Chaldon Down, Stockdale, que vinha absorto, sem saber o que dizer, decidiu que não valeria a pena discutir nada naquele momento que ela parecia tão animada com a aventura; melhor esperar até mais tarde e fazer o possível para afastá-la daquela atividade no futuro. Enquanto caminhava, ocorreu-lhe uma ou duas vezes que, se fossem surpreendidos pela guarda aduaneira, ficaria numa situação bem mais embaraçosa que a dela, sendo-lhe muito mais difícil provar a motivação real da sua presença; mas o risco não importava, diante do seu desejo de estar com ela.

Chegaram a uma ravina nos arredores de Chaldon, uma cidadezinha a três quilômetros de onde haviam partido, na direção do ponto da costa que

buscavam. Dessa vez, foi Lizzy quem quebrou o silêncio: “É aqui que preciso encontrar os carregadores. Não sei se já estarão a postos. Como disse, precisamos chegar ainda hoje à noite a Lullstead, que fica três quilômetros mais longe do que Ringsworth”.

Mas os homens já tinham chegado, pois enquanto ela falava duas ou três dúzias de cabeças despontaram acima da silhueta da encosta, e o grupo deixou a mata onde estava escondido à sua espera. Os carregadores eram homens que Lizzy e outros proprietários da área empregavam regularmente para fazer o transporte das barricas descarregadas até um lugar seguro em terra firme. Eram todos jovens de Nether-Moynton, Chaldon e arredores, pessoas tranquilas e inofensivas que simplesmente aceitavam transportar a carga para Lizzy e seu primo Owlett, da mesma forma como aceitariam ser contratados para qualquer tarefa por um pagamento razoável.

A um sinal de Lizzy, todos se aproximaram. “É melhor já receberem agora”, ela disse, e entregou um pacote a cada um. Continha seis xelins, a remuneração acertada pela atividade da noite, pagos de antemão tanto em caso de sucesso quanto de fracasso; além disso, ainda teriam o privilégio de poder agenciar algumas das vendas se a operação acabasse bem. Mais adiante, ela lhes disse: “O lugar é o antigo, perto de Lullstead”; até aquele momento, os homens não sabiam para onde estavam indo, por motivos óbvios. “Owlett vai se encontrar lá com vocês”, acrescentou Lizzy. “Vou um pouco mais atrás, para ver se ninguém está nos seguindo.”

Os carregadores se adiantaram, e Stockdale e a sra. Newberry permaneceram atrás deles, à distância de um arremesso de pedra. “O que esses homens fazem durante o dia?”, ele perguntou.

“Doze ou quatorze deles são trabalhadores braçais. Os outros são oleiros, pedreiros ou vivem de consertar telhados de palha. Conheço todos muito bem. Nove são da sua congregação.”

“Não que isso dependa da minha vontade”, disse Stockdale.

“Ah, eu sei. Só estou comentando. Os outros preferem frequentar só a igreja, porque fornecem toda a bebida que o pároco encomenda, e não querem ser antipáticos com o cliente habitual.”

“E como vocês escolhem esses homens?”, perguntou Stockdale.

“Ah, chamamos porque são amigos e porque são fortes e equilibrados, capazes de transportar cargas pesadas por longas distâncias sem se cansar.” Stockdale suspirou ao vê-la enumerar assim cada detalhe, pois o envolvimento dela só podia ser muito profundo para explicar tamanho conhecimento das condições e qualidades envolvidas. Ainda assim, naquele momento sentiu por ela uma ternura mais intensa que em todo o dia anterior. Talvez fosse o comportamento dela, seguro e experiente, ou sua lealdade corajosa, que despertava a admiração de Stockdale por ela, mesmo a contragosto.

“Tome o meu braço, Lizzy”, ele murmurou.

“Não quero”, ela disse. “Além disso, pode ser que nós dois nunca mais voltemos a ser o que já fomos.”

“Isso só depende de você”, disse ele, e continuaram a caminhar separados.

Os carregadores avançavam na direção da colina de Chaldon, demonstrando segurança igual à que teriam em pleno dia, evitando os sulcos das rodas no caminho e mantendo a cidadezinha de East Chaldon sempre à esquerda. Assim chegariam ao topo, num ponto distante das trilhas, não muito longe da antiga elevação artificial conhecida como Round Pound. Uma hora de marcha a passo rápido e começaram a escutar o som do oceano, a poucas centenas de metros da enseada de Lullstead. Ali fizeram uma pausa. Lizzy e Stockdale os alcançaram e, juntos, aproximaram-se da beira do penhasco. Um dos homens ergueu um pé de cabra e cravou com firmeza a barra de ferro na terra a um metro da borda, amarrando a ela uma corda que trazia enrolada no corpo. Todos começaram a descer, usando o apoio dos pés, mas ao mesmo tempo deslizando encosta abaixo enquanto deixavam a corda escorregar entre suas mãos.

“Você não vai descer, não é, Lizzy?”, perguntou Stockdale, ansioso.

“Não; fico olhando aqui de cima”, ela disse. “Owlett está lá embaixo.”

Os homens guardaram um silêncio quase total depois de chegarem à praia; e o som que os dois observadores no alto do penhasco ouviram em seguida foi o de remos pesados cortando a água, além das pancadas das ondas na proa de um bote. Num instante, a quilha pousou mansamente nos seixos da praia, e Stockdale escutou os trinta e seis carregadores correndo pelo cascalho na direção do ponto onde o barco havia encalhado.

Ouviram-se passos chapinhados como se uma ninhada de patos tivesse entrado na água, mostrando que os homens não procuravam manter as pernas, ou nem mesmo a cintura, a salvo da água salgada; mas era impossível distinguir o que faziam, e em minutos novos passos no cascalho se fizeram ouvir. A barra de ferro a que a corda estava presa, e na qual a mão de Stockdale se apoiava, começou a vibrar, e os carregadores foram aparecendo um a um galgando a encosta íngreme, e o som da água que gotejava dos seus corpos se ouvia mais claramente à medida que se aproximavam, parte de seu peso sustentada pela corda. Quando começaram a chegar ao topo, ficou visível que cada um carregava um par de barricas, uma nas costas e a outra apoiada no peito, atadas entre si por cabos que passavam por aros de metal e se apoiavam atravessados nos ombros do carregador. Alguns dos mais fortes carregavam uma terceira barrica por cima da que já trazia às costas, mas a carga normal era de um par, cujo peso já bastaria para deixar o carregador com a impressão de ter o peito colado à espinha ao fim de seis a oito quilômetros de caminhada.

“Onde está Owlett?”, perguntou Lizzy a um deles.

“Não vai subir por aqui”, respondeu o carregador. “Vai ficar lá mesmo na praia até já estarmos a uma distância segura.” E então, sem esperarem pelos demais, os primeiros homens que chegaram ao alto puseram-se a caminho, descendo a ladeira na direção da estrada; quando o último chegou ao topo do penhasco, Lizzy recolheu a corda, enrolou-a em torno do braço, arrancou a barra de ferro da terra molhada e seguiu atrás dos carregadores.

“Você estava preocupada demais com a segurança de Owlett”, disse o pastor.

“Você é mesmo impossível!”, queixou-se Lizzy. “Ora, e ele não é meu primo?”

“Sim. Bem, está sendo uma noite de muito trabalho”, disse Stockdale em tom severo. “Mas eu carrego o pé de cabra e a corda para você.”

“Graças a Deus as barricadas chegaram bem até aqui”, disse ela.

Stockdale fez que sim com a cabeça e, pegando a barra de ferro, saiu andando ao lado dela na direção da aurora, e em pouco tempo pararam de escutar o marulho das ondas.

“É disso que você estava falando outro dia, quando me contou que tinha negócios com Owlett?”, perguntou Stockdale.

“É”, ela respondeu. “Nunca trato com ele de nenhum outro assunto.”

“Uma parceria desse tipo com um rapaz é muito fora do comum.”

“Começou entre o meu pai e o pai dele, que eram cunhados.”

Mas Stockdale não conseguia deixar de ver que, naquela situação, com os interesses e os gostos muito próximos de Lizzy e Owlett, além dos riscos que os dois compartilhavam a cada empreitada, uma resposta afirmativa de Lizzy a um pedido de casamento de Owlett seria especialmente vantajosa. Mas Stockdale não desanimou, preferindo se esforçar para demonstrar a impropriedade daquela aliança, decidido a afastá-la desse bando noturno e atraí-la para uma conduta impecável e para a residência do pastor em algum condado distante.

Vinham caminhando logo atrás da fila de carregadores, e assim que chegaram à entrada da cidade Stockdale viu que os homens se dividiam em dois pelotões desiguais, cada um com seu caminho. Um dos grupos, o menor, seguiu na direção da igreja, e quando Lizzy e Stockdale chegaram em casa os homens já tinham pulado o muro do cemitério e avançavam sem ruído pela relva do outro lado.

“Estou vendo que Owlett mandou guardar parte da carga de novo na igreja”, observou Lizzy. “Lembra da sua primeira noite, quando o levei até lá?”

“Claro que lembro”, disse Stockdale. “Não admira que você tivesse licença para furar as barricadas... eram dele, não é?”

“Não. Eram minhas; eu mesma é que me dei licença. No dia seguinte, viajaram vários quilômetros país adentro numa carroça carregada de estrume, e

depois foram muito bem vendidas.”

Nesse momento, o grupo de homens que tinha dobrado à esquerda um pouco antes começou a pular, um a um, a sebe em frente à casa de Lizzy, e o primeiro dos homens, que não trazia barrica nenhuma nos ombros, deu alguns passos à frente.

“Sra. Newberry?”, disse, falando depressa.

“Eu mesma, Jim”, ela respondeu. “O que houve?”

“Acho que hoje não podemos guardar nada em Badger’s Clump, Lizzy”, respondeu Owlett. “O lugar está sendo vigiado. Precisamos suspender a macieira do pomar, se der tempo. Não tem espaço pra guardar mais nada debaixo da pilha de madeira da igreja, e meu depósito de estrume já está mais lotado do que devia.”

“Muito bem”, ela respondeu. “Mas ande depressa. Só isso. Posso fazer alguma coisa?”

“Nada, por favor. Ah, é o pastor! Vocês dois não precisam fazer nada, só entrar em casa e ficar escondidos.”

Enquanto Owlett falava assim, num tom marcado pela ansiedade de um contrabandista, mas sem a marca de qualquer ciúme amoroso, os homens que o acompanhavam pulavam um a um por cima da sebe; e aconteceu, infelizmente, que, quando o último saltava, a corda que sustentava suas duas barricas escorregou de seu ombro: o resultado foi que as duas caíram na rua e uma delas se espatifou na queda.

“Maldição!”, disse Owlett, correndo para lá.

“Devia valer um bocado de dinheiro”, comentou Stockdale.

“Nem tanto... para nós, a esta altura, mais ou menos dois guinéus e meio”, disse Lizzy em tom agitado. “Mas não é isso. O problema é o cheiro! A bebida é tão forte, antes da mistura com água, que o cheiro espalhado assim na rua é muito concentrado! Espero que Latimer não apareça aqui antes que o cheiro se disperse.”

Owlett e um ou dois dos outros recolheram a barrica partida e começaram a cobrir de terra e esfregar com os pés o lugar onde entornara seu conteúdo, para espalhar ao máximo a bebida; em seguida, entraram pelo portão do pomar de Owlett, adjacente ao lado direito do jardim de Lizzy. Stockdale preferiu não os acompanhar, porque vários dos homens, assim que o reconheceram, lançaram-lhe olhares intrigados com a sua presença, mesmo sem dizer nada. Lizzy afastou-se e foi até os fundos do jardim, olhando por cima da sebe para o pomar, onde era possível distinguir os vultos dos homens empenhados em esconder as barricas. Tudo era feito sem ruído e sem luz alguma; quando acabaram, os homens se dispersaram em várias direções; os outros, que tinham levado sua carga para a igreja, já haviam seguido para suas casas.

Lizzy voltou até o portão do jardim, no qual Stockdale ainda estava apoiado com um ar absorto. “Tudo pronto! Agora eu vou entrar”, ela disse, em voz baixa. “Deixo a porta aberta para você.”

“Ah, não precisa”, disse Stockdale, “vou entrar também.”

Mas antes que se movessem, chegou aos seus ouvidos um tropel abafado de cavalos; parecia vir do ponto onde a trilha que descia dos penhascos desembocava no trecho calçado de estrada, a via que atravessava a cidade.

“Ah, estão chegando com atraso!”, exclamou Lizzy em tom exultante.

“Quem?”, perguntou Stockdale.

“Latimer, da guarda aduaneira montada, e algum ajudante. Melhor entrarmos em casa.”

Entraram, e Lizzy passou o ferrolho na porta. “Por favor, não acenda luz nenhuma, sr. Stockdale”, ela pediu.

“Claro que não”, respondeu ele.

“Achei que o senhor podia preferir o lado do Rei”, disse Lizzy, com um sarcasmo muito ligeiro.

“E prefiro”, disse Stockdale. “Mas Lizzy Newberry, estou apaixonado por você, que sabe disso muito bem; e precisa também saber, se ainda não sabe, o quanto a minha consciência vem pensando por sua causa nos últimos dias!”

“Eu bem imagino”, disse ela, falando depressa. “Mas nem vejo por quê. Ah, o senhor é uma pessoa muito melhor do que eu!”

O trote dos cavalos deu a impressão de morrer ao longe, e o casal atento ao som dos animais trocou um toque da ponta dos dedos, a despedida quase sufocada de pessoas estremecidas por algum motivo. Estavam ainda perto da porta de entrada, mas antes de darem três passos dentro da casa o tropel dos cavaleiros recrudescu de repente, quase junto à casa. Lizzy virou-se para a janela da escada, afastou os caixilhos mais ou menos um dedo e aproximou o rosto da abertura. “Isso mesmo, um deles é Latimer”, sussurrou. “Ele está sempre montado num cavalo branco. Uma péssima escolha de cor para alguém com a função dele.”

Stockdale espiou e viu o vulto branco do animal passando em frente à casa; porém, antes que os cavaleiros se afastassem muito, Latimer puxou a rédea da montaria e murmurou alguma coisa a seu companheiro que nem Stockdale nem Lizzy conseguiram escutar. Mas logo ficou evidente qual havia sido sua instrução, pois o outro também parou, e, puxando com força a cabeça dos cavalos que montavam, começaram a voltar a passo minucioso pelo mesmo caminho de antes. Quando chegaram de novo em frente ao jardim da sra. Newberry, Latimer apeou, no que foi imitado pelo homem que montava o cavalo escuro.

Lizzy e Stockdale, muito compenetrados e acompanhando cada movimento, naturalmente aproximaram-se ao máximo da fresta da janela, e

ocorreu assim que finalmente suas faces se tocaram para além de qualquer dúvida. Continuaram atentos à rua, como se não tomassem conhecimento da posição singular de seus rostos, e a pressão de um contra o outro mais aumentava que diminuía a cada minuto.

Escutavam os guardas aduaneiros que farejavam o ar como cães de caça, de um lado para o outro. Quando chegaram ao ponto onde a barricada havia estourado, pararam de chofre.

“Ah, sim, está bem forte aqui”, disse o segundo guarda. “Vamos bater na porta?”

“Melhor não”, respondeu Latimer. “Pode ser só um truque para nos fazer perder o rastro. Eles nunca iriam espalhar um cheiro tão forte perto do esconderijo. Já ouvi falar dessa artimanha.”

“De qualquer maneira, a carga, ou uma parte dela, deve ter sido trazida por aqui”, disse o outro.

“Isso sim”, disse Latimer, em tom absorto. “A não ser que quisessem apontar o caminho errado. Por mim, voltamos hoje à noite para casa sem dizer nada, e retornamos de manhã cedo com mais homens. Sei que eles guardam a mercadoria nessa área, mas não podemos fazer nada com essa pouca luz. Vamos dar um giro pela paróquia e ver se todos já se deitaram, John; se estiver tudo em paz, fazemos como eu disse.”

Seguiram em frente, e os dois espectadores por trás da janela ouviram-nos percorrer toda a cidadezinha a passo lento, pela rua que fazia uma curva na parte mais baixa e se encontrava com a estrada principal num outro cruzamento. Por ali seguiram os fiscais, e o som dos passos vagarosos de seus cavalos foi sumindo ao longe.

“O que você vai fazer?”, perguntou Stockdale, recuando da sua posição.

Lizzy entendeu que ele aludia à revista combinada pelos guardas, no intento de distraí-la do meigo incidente que os dois viveram junto à janela, que ele preferiu ignorar, guardar como algo mais sonhado que vivido. “Ah, nada”, ela respondeu, com o máximo de frieza que conseguia invocar para encobrir a decepção com a atitude do jovem pastor. “Esses percalços são comuns. E o senhor não ficaria preocupado se soubesse como são parvos. Imagine, percorrer a cidade a cavalo: claro que não conseguem escutar nem ver ninguém com todo o barulho que fazem; mas estão sempre com medo de apear, pois alguns dos nossos homens podem cair em cima deles e amarrá-los a um esteio de portão, como já fizeram antes. Boa noite, sr. Stockdale.”

Fechou a janela e subiu para o seu quarto, onde uma lágrima caiu de seus olhos; e não devido às suspeitas dos guardas a cavalo.

A GRANDE BUSCA EM NETHER-MOYNTON

Stockdale ficou tão agitado com os acontecimentos da noite, e de se ver num dilema entre a consciência e o amor, que não conseguiu dormir nem fechar os olhos, acordado como se fosse meio-dia. Assim que a luz cinzenta começou a acender muito de leve os objetos mais brancos de seu quarto, levantou-se da cama, vestiu-se e desceu as escadas, indo para a rua.

A cidadezinha já estava em plena atividade. Vários dos carregadores haviam escutado o som bem conhecido dos cascos do cavalo de Latimer enquanto se despiam no escuro da noite, e já haviam conversado entre si e com Owlett. A única dúvida que ainda persistia tinha a ver com a segurança das barricadas acomodadas debaixo da escada do coro da igreja. Mas ao cabo de uma rápida conversa na esquina próxima ao moinho, ficou acertado que precisavam ser retiradas de lá antes que o dia clareasse mais, sendo camufladas entre as duas fileiras da cerca viva que delimitava um campo vizinho. Todavia, antes que tivessem tempo de fazer o que fosse, os passos de muitos homens soaram descendo a rua, vindo da estrada.

“Maldição, já chegaram!”, exclamou Owlett que, já tendo levantado a portinhola e dado início ao dia de trabalho do moinho, postou-se impassível à sua porta, coberto de farinha, como se a única coisa que merecesse sua atenção fosse a vibração de suas paredes com o movimento da máquina.

Os dois ou três homens com quem conversava se dispersaram de volta ao trabalho de sempre, e quando o vistoso pelotão de guardas aduaneiros surgiu no cruzamento da cidadezinha, entre o moinho e a casa da sra. Newberry, as ruas ostentavam a aparência natural do início dos trabalhos da manhã.

“Agora”, disse Latimer a seus comandados, que somavam treze homens, “o que sei é que as coisas devem estar em algum lugar aqui perto. Temos o dia todo pela frente, e vai ser difícil não topar com a carga e mandá-la para a casa da alfândega de Budmouth, antes ainda do fim do dia. Primeiro vamos revistar os paióis de lenha, depois reviramos cada depósito, depois os celeiros e os estábulos, e tudo bem devagar. Vocês precisam se guiar pelo faro, então usem o nariz como nunca usaram antes.”

E a busca teve início. Owlett, no início, acompanhava tudo da janela do seu moinho, e Lizzy, da porta de casa, aparentando um autodomínio absoluto. Um lavrador mais abaixo, também sócio do contrabando, trabalhava com um olho na terra e outro em Latimer e seus esbirros, preparado para desviá-los do

caminho certo se lhe perguntassem alguma coisa. Stockdale, que nada tinha feito contra a lei, era o mais nervoso de todos e se dedicava a seus estudos com um peso na alma, vindo à porta a todo momento para questionar Lizzy sobre as possíveis consequências da descoberta de alguma das suas barricas.

“A consequência”, respondeu ela em voz baixa, “vai ser simplesmente perder a mercadoria. Como nenhuma das barricas está guardada na minha casa ou no meu jardim, não podem fazer nada contra mim pessoalmente.”

“Mas algumas foram escondidas no pomar.”

“O terreno é meu, mas arrendado por Owlett, que ainda aluga para outras pessoas. Vai ser difícil determinar quem guardou as barricas ali, se forem encontradas.”

Nunca houve uma devassa tão minuciosa quanto a daquele dia na paróquia de Nether-Moynton e em seus arredores. Tudo foi feito com método, e principalmente com mãos e joelhos no chão. Cada parte do dia obedeceu a um certo planejamento. Do amanhecer ao meio da manhã, os homens só usaram o olfato, sem dedicar muito tempo a vasculhar possíveis esconderijos temporários das barricas até serem transferidas na noite seguinte. Segue a lista dos lugares esquadrihados e revistados a fundo:

As árvores ocas. Os armários. Os bueiros.

As pilhas de batatas colhidas. Os relógios de pé. As cercas vivas.

Os depósitos de carvão nos porões das casas. As chaminés. As caixas de lenha miúda.

Os quartos de dormir. As calhas de água da chuva. As pilhas de feno.

Os armazéns de maçãs. Os chiqueiros. Os caldeirões e fornos.

Depois do desjejum, retomaram o trabalho com vigor renovado, adotando uma nova linha de ação; a saber, concentrando o foco nas peças de roupa que pudessem ter entrado em contato com as barricas em seu transporte desde a costa, trajes onde geralmente se podem perceber vestígios da bebida, que sempre vazava um pouco pelas frestas entre as aduelas. Agora farejavam:

Paletós e sobrecasacas. Os aventais de ferreiros e sapateiros.

Camisas e coletes usados. Meias três-quartos e luvas de jardineiro.

Casacos e chapéus. Capas de chuva.

Culotes e calças. Capotes e guarda-pós.

Xales e vestidos de mulher. Os espantalhos.

Em seguida, assim que acabaram de almoçar, levaram a busca aos lugares onde a bebida pudesse ter sido largada às pressas numa emergência:

Os bebedouros de cavalos. As estrumeiras. Os escoadouros dos pátios.

As valas de drenagem dos estábulos. Os valões. Os montículos de terra raspada acumulados nas margens da via pública.

Os montes de cinza armazenada. As fossas. As saídas de esgoto.

Ainda assim, porém, os infatigáveis fiscais não descobriram nada além dos resquícios aromáticos originalmente encontrados na rua em frente à casa de Lizzy, que até então ainda não se haviam dissipado por completo.

“Vou lhes dizer o que faremos, rapazes”, anunciou Latimer por volta das três da tarde, “precisamos começar tudo de novo. E vamos encontrar cada um

desses barris.”

Os homens, que haviam sido convocados para um único dia de serviço, olharam para as mãos e os joelhos enlameados, de tanto se arrastarem de gatinhas, e esfregaram o nariz, como se já não aguentassem mais usar o olfato; a quantidade de ar malcheiroso que havia transitado por aquelas narinas já as havia deixado quase tão insensíveis quanto uma chaminé entupida. Ainda assim, depois de uma curta hesitação, prepararam-se para recomeçar, com exceção de três homens, cujo faro já havia sucumbido por completo ao excesso de uso e a todo o desgaste daquele dia.

A essa altura, nenhum habitante adulto da cidade se encontrava mais na paróquia. Owlett desapareceu do moinho, os lavradores não estavam mais em seus campos, o pároco não se mostrava em seu jardim, o ferreiro abandonara sua forja e a oficina de manutenção e conserto de rodas estava em silêncio.

“Onde se meteu todo mundo?”, perguntou Latimer, dando-se conta do sumiço geral e olhando ao redor. “Eles me pagam! Por que não aparecem para nos ajudar? O único homem que estou vendo é o pregador metodista, e ele não conta. Exijo que me ajudem, em nome do Rei!”

“A gente não tá vendo ninguém; vai convocar quem?”, perguntou seu lugar-tenente.

“Bom, bom, então melhor sem eles”, disse Latimer, que mudava de humor a cada minuto. “Mas estou achando muito suspeito esse silêncio e esse sumiço geral, e não vou me esquecer disso. Agora vamos até o pomar de Owlett, ver o que encontramos lá.”

Stockdale, que tinha escutado toda a conversa apoiado no portãozinho do jardim, ficou alarmado e achou um erro dos locais manterem-se tão invisíveis. Ele próprio, como os guardas, vinha se perguntando na última meia hora o que poderia ter ocorrido com os moradores da cidade. Alguns homens haviam sido necessariamente contratados para trabalhar em campos distantes, mas os artífices deveriam estar no trabalho; ainda assim, todos eles, depois de labutar algum tempo em suas oficinas, pareciam ter tirado o resto do dia de folga. Entrou em casa e foi ter com Lizzy, sentada junto a uma janela com um trabalho de costura, e perguntou: “Lizzy, onde todos se meteram?”

Lizzy riu. “Onde costumam ir depois de passar a noite tão ocupados.” Ergueu os olhos para o alto. “Lá em cima”, ela disse.

Stockdale olhou para cima. “Como assim? No alto da torre da igreja?”, perguntou, ao ver a direção em que ela olhava.

“Isso.”

“Bom, imagino que daqui a pouco vão ter de descer”, disse ele, em tom preocupado. “Eu estava ouvindo a conversa dos guardas; vão revistar de novo o pomar, e depois vasculhar cada canto da igreja.”

Pela primeira vez Lizzy pareceu alarmada. “Você vai lá e conta ao nosso

pessoal?”, ela perguntou. “Eles precisam saber disso.” Vendo a consciência do pastor agitar-se dentro dele como um caldeirão a ferver, ela acrescentou: “Não, pode deixar que eu mesma vou”.

Saiu e desceu para o jardim, que atravessou na direção do cemitério da igreja ao mesmo tempo que os guardas vinham subindo a rua rumo ao pomar. A Stockdale só restou segui-la. Quando Lizzy chegou à entrada da torre, ele estava a seu lado, e começaram a subir juntos.

A torre da igreja de Nether-Moynton, como a de tantas outras cidades pequenas, não tinha uma entrada à parte: o único acesso ao topo passava pela galeria do coro, de onde uma escada removível levava até um alçapão quadrado no chão do campanário, acima do qual uma escada permanente, passando além dos sinos, chegava a uma abertura no telhado. Quando Lizzy e Stockdale chegaram à galeria e olharam para cima, só avistaram o alçapão fechado e os cinco furos por onde passavam as cordas dos sinos. A escada não estava lá.

“Não temos como subir”, disse Stockdale.

“Ah, temos sim”, ela respondeu. “Alguém está olhando agora mesmo por um buraco aberto naquela porta do alçapão.”

Assim que ela disse essas palavras, o alçapão se abriu e a silhueta escura da escada apareceu sendo baixada, em contraste com o branco caiado da parede. Quando chegou ao chão, Lizzy a arrastou até o lugar certo e disse: “Você sobe primeiro, e eu vou atrás”.

O jovem pregador foi escalando os degraus, e logo se viu cercado por sinos consagrados pela primeira vez em sua vida, pois a adesão dos Stockdale ao não conformismo, cujas capelas não tocavam sinos, já vinha de várias gerações. Fitou os sinos com desconforto e correu os olhos em volta, à procura de Lizzy. Owlett estava lá, segurando o topo da escada. “Quer dizer que agora o senhor também é um de nós?”, perguntou o moleiro.

“Parece que sim”, respondeu Stockdale tristemente.

“Não é, não”, disse Lizzy, que tinha ouvido a conversa. “Ele não está do nosso lado nem contra nós. Mas não vai nos prejudicar.”

Chegou também ao alto da escada, e depois subiram o estágio subsequente, que, depois de ultrapassar os empoeirados contrapesos dos sinos, era fácil, passando pela abertura, que deixava ver o céu azul, até o ar livre. Owlett ainda ficou para trás um tempo, para poder puxar a escada para cima.

“Fiquem com a cabeça abaixada”, disse uma voz, assim que puseram o pé no telhado.

E então Stockdale se deparou com os paroquianos sumidos, todos deitados de bruços no telhado da torre; a exceção eram uns poucos que, encolhidos, vigiavam as ruas pelas brechas do parapeito. Agachando-se também, Stockdale viu a seus pés a cidadezinha, estendida como um mapa em que se deslocavam os guardas aduaneiros, reduzidos a figuras que lembravam caranguejos, tendo

no centro o disco circular da copa do chapéu. Alguns dos homens do telhado se viraram quando o jovem pastor surgiu no meio deles.

“Ora, é o sr. Stockdale!”, disse Matt Grey em tom surpreso.

“Eu bem preferia que não fosse”, disse Jim Clarke. “Se o pároco da igreja visse ele aqui no alto da torre da igreja, ia sem bem ruim pra nós, do jeito que ele implica com quem frequenta a capela. Nunca mais ia comprar da gente, e é um dos melhores fregueses do lado de cá de Warmwell.”

“Onde o pároco está?”, perguntou Lizzy.

“Na casa dele, eu acho, pra poder nem tomar conhecimento do que tá acontecendo — aliás, é onde todo mundo devia estar, inclusive esse rapaz aí.”

“Mas ele veio trazer uma notícia”, disse Lizzy. “Os guardas resolveram revistar o pomar e a igreja; há alguma coisa que a gente possa fazer se eles acharem as barricadas?”

“Sim”, respondeu seu primo Owlett. “É disso que távamos falando, e já resolvemo o que vamo dizer. Mas que diabo!”

A reclamação foi por ter percebido que alguns dos fiscais, tendo entrado no pomar e começado a se abaixar e se enfiar aqui e ali, tinham parado bem no centro do terreno, onde crescia uma árvore menor do que as outras. Ali os guardas se agruparam e curvaram o corpo ainda mais, para examinar o solo mais de perto.

“Ah, as minhas barricadas!”, disse Lizzy em voz baixa, quando viu o movimento dos homens através do parapeito.

“Parece que acharam”, disse Owlett.

O interesse pelo movimento dos fiscais era tão intenso que nenhum dos presentes olhava em nenhuma outra direção; ainda assim, naquele momento, um grito vindo da igreja abaixo deles atraiu a atenção dos contrabandistas, bem como do grupo em ação no pomar, que endireitou o corpo e saiu correndo na direção do muro do cemitério. Então, os homens da lei que tinham entrado despercebidos na igreja exclamaram: “Achamos uma parte, finalmente”.

Os contrabandistas ficaram em silêncio, sem saber se “uma parte” se referia às barricadas ou a alguns dos homens; mas espiando outra vez com cautela da beira do telhado perceberam que falavam das barricadas; e dali a pouco as próprias começaram a ser trazidas, uma a uma, para o meio do pátio da igreja, tiradas de seu esconderijo debaixo das escadas do coro.

“Vão guardar as barricadas no depósito de Hinton antes mesmo de procurarem o resto”, disse Lizzy, desanimada. De fato, os fiscais tinham começado a empilhar as barricadas em cima de uma laje de pedra no centro do pátio; quando acabaram de ser trazidas da torre, dois ou três homens ficaram de vigia ao lado da carga, e o resto do grupo voltou para o pomar.

O interesse dos contrabandistas pelas manobras seguintes do inimigo foi

ficando mais e mais intenso. Só umas trinta barricas tinham sido escondidas na estrutura da torre, mas havia setenta enterradas no pomar, e somadas eram tudo o que tinham trazido para terra firme, enquanto o resto do carregamento tinha sido amarrado a um peso de chumbo e atirado ao mar do convés do navio para o resgate futuro numa outra operação noturna. Os guardas, de volta ao pomar, aparentavam a certeza de que era lá o esconderijo das barricas restantes, que pretendiam encontrar antes que a noite caísse. Espalharam-se por todo o pomar, e voltando a pôr-se de quatro recomeçaram a esquadriñar o terreno em torno de cada uma das macieiras. Pararam mais uma vez em torno da macieira mais nova do centro do pomar, e o modo como se aglomeraram ali ao fim de algum tempo indicava que um novo encadeamento de ideias levaria à mesma conclusão que o anterior.

Depois de examinarem o solo em volta da árvore por alguns minutos, um dos homens se levantou, correu até um abrigo da igreja onde ficavam as ferramentas e voltou com a picareta e a pá do pároco, que os guardas começaram a usar.

“Estão mesmo ali?”, perguntou o pastor, porque a relva em torno da árvore parecia tão verde e intacta que era difícil acreditar que tivesse sido escavada. Os contrabandistas estavam absortos demais para responder a Stockdale, e logo puderam acompanhar o momento em que, para seu desgosto, os guardas se postaram dois de cada lado da árvore; em seguida, curvando as costas e enfiando as mãos na terra, puxaram para fora a árvore inteira, com mais o torrão gramado que a rodeava. Nesse momento, constataram que a macieira nova havia sido plantada num caixote raso, com quatro correias presas aos cantos para serem usadas como puxadores. Debaixo do lugar onde a árvore simulava crescer, abria-se uma ampla cova quadrada, e um fiscal foi olhar o que continha.

“Agora está tudo acabado”, disse Owlett baixinho. “Vamos todos descer antes que notem que estamos aqui: e vamos nos preparar para o próximo lance. É melhor eu continuar aqui até a noite chegar, ou podem me prender como suspeito, pois a carga estava em terras minhas. Eu desço e encontro com vocês assim que a luz do dia for avermelhando.”

“E eu?”, perguntou Lizzy.

“Você cuida, por favor, dos pinos de roda e dos parafusos; depois vá para dentro de casa e fique lá sem tomar conhecimento de nada. Os rapazes cuidam do resto.”

A escada foi recolocada no lugar e todos, menos Owlett, desceram, saindo um a um pelos fundos da igreja e desaparecendo de volta aos seus afazeres. Lizzy saiu caminhando desassombrada pelo meio da rua, seguida de perto pelo pastor.

“Vai entrar em casa, sra. Newberry?”, ele perguntou.

Pela forma de tratamento, ela percebeu que o afastamento entre eles havia se aprofundado mais um grau.

“Não vou para casa”, ela disse. “Preciso fazer uma coisinha antes de entrar. Martha Sarah serve o seu chá.”

“Ah, não foi por isso que eu perguntei”, disse Stockdale. “O que mais você ainda precisa fazer por causa desse maldito negócio?”

“Só umas coisinhas”, ela respondeu.

“O quê? Eu vou junto.”

“Não, vou sozinha. Vá para casa, por favor. Volto em no máximo uma hora.”

“Você vai se expor a algum risco, Lizzy?”, perguntou o jovem, novamente dominado pela ternura.

“Não, nenhum... de muita importância”, ela respondeu, e seguiu na direção do cruzamento com a estrada.

Stockdale passou pelo portãozinho do jardim e ali parou, olhando para fora. Os guardas ainda estavam ativos no pomar, e finalmente ele se decidiu a acompanhar o que faziam. Quando chegou perto, descobriu que o depósito secreto, cuja existência ignorava de todo, era escorado por peças de madeira atravessadas de lado a lado a mais ou menos um pé de profundidade, e coberto de torrões de grama plantada.

Os guardas olharam para o rosto honesto e gentil de Stockdale, e concluindo que estava obviamente acima de qualquer suspeita voltaram ao trabalho. Assim que tiraram todas as barricas, começaram a remover a grama e puxar as madeiras para fora, desmanchando as laterais da cova até desfazerem as formas do depósito e deixarem a macieira nova deitada com as raízes para o ar. Mas a cavidade que já tinha armazenado tanta mercadoria contrabandeada nunca foi totalmente preenchida, nem naquela época e nem desde então; uma depressão no terreno assinala até hoje o ponto onde ficava.

A CAMINHADA ATÉ A ENCRUZILHADA DE WARMWELL; E O QUE ACONTECEU
DEPOIS

Como toda a bebida precisava ser transportada até Budmouth ainda naquela noite, a medida seguinte da guarda foi sair à procura de cavalos e carroças para o transporte, e os homens percorreram toda a cidade em busca do necessário. Latimer se pavoneava de um lado para o outro com um pedaço de giz na mão, traçando com grande entusiasmo três riscos grossos na forma aproximada de uma ponta de flecha, a marca tradicional dos bens requisitados pela Coroa, nos veículos e arreios que encontrava; seu entusiasmo era tamanho que podia-se imaginá-lo desenhando a marca até nas sebes e no próprio leito da rua. Stockdale, que logo se fartou da cena, voltou para dentro da casa desalentado e imerso em seus pensamentos. Lizzy já estava lá, tendo entrado pelos fundos, embora ainda não tivesse tirado o gorro com que saíra. Parecia cansada, e seu estado de ânimo não era em nada melhor do que o dele. Trocaram poucas palavras; o pastor se afastou e tentou concentrar-se na leitura; mas não conseguiu, e tocou a sineta para pedir o chá.

Foi a própria Lizzy que apareceu com a bandeja, pois a criada tinha escapado para a cidade no correr da tarde, agitada demais com o rebuliço para se ater às suas obrigações. Entretanto, antes que os dois enamorados pudessem trocar uma palavra, Martha entrou em casa, muito alvoroçada.

“Ah, que confusão, sra. Newberry e sr. Stockdale! Os fiscais do Rei bem que tentaram, mas não conseguem arrumar a carga! Puxaram para a estrada as carroças de Thomas Ballam, William Rogers e Stephen Sprake, mas as rodas de todas se desprenderam e elas desabaram no chão; aí descobriram que os pinos que prendiam as rodas tinham sumido; depois resolveram usar a carreta grande de Samuel Shane, mas descobriram que todos os parafusos estavam faltando. Ainda tentaram a carroça do leiteiro, mas os parafusos dela também tinham sumido! Agora precisam encomendar novos pinos e parafusos para o ferreiro, mas ninguém sabe onde ele se meteu!”

Stockdale olhou para Lizzy, que enrubescou muito de leve e saiu da sala, seguida por Martha Sarah; mas antes que tivessem chegado à outra ponta do corredor ouviram uma batida discreta na porta da frente, e Stockdale reconheceu a voz de Latimer interpelando a sra. Newberry, que tinha virado para trás.

“Em nome de Deus, sra. Newberry, por acaso viu Hardman, o ferreiro,

passar por aqui? Se eu soubesse onde ele estava, eu arrastava o homem pelos cabelos até a forja, que é onde ele devia estar.”

“Ele é mesmo um preguiçoso, sr. Latimer”, disse Lizzy, em tom ligeiro. “Por que está perguntando?”

“Porque nenhum cavalo da cidade está com mais de três ferraduras, e uma boa parte só com duas. As rodas de todas as carroças estão sem as cintas de ferro, ou faltam os pinos que prendem as rodas ao eixo. Com isso, e mais os arreios todos em desordem, não vamos conseguir sair daqui antes de chegar a noite — isso eu lhe garanto. A senhora vive no meio de gente muito incivilizada, sra. Newberry; mas ainda acabam passando dos limites, ouça bem o que lhe digo! Nesta paróquia, não sei de homem algum que não mereça umas boas chibatadas.”

Ocorre que nesse momento Hardman estava um pouco mais adiante na rua, fumando seu cachimbo atrás de uma moita de azevinho. Latimer, quando acabou de falar, saiu andando para o seu lado, e Hardman, ao ouvir os passos do guarda, teve a imprudência de ceder à curiosidade e se levantar bem no momento que Latimer olhava em sua direção. Só lhe restou dar um passo à frente, simulando um ar despreocupado.

“Passei a última hora tentando encontrar você!”, disse Latimer, com os olhos faiscando.

“Desculpe”, disse Hardman. “Eu estava andando por aí, à procura de mais barris escondidos para entregar à Coroa.”

“Ah, sim, Hardman, sabemos muito bem”, disse Latimer, com um sarcasmo incisivo. “Sabemos perfeitamente que vocês entregam à Coroa tudo o que encontram. Sabemos perfeitamente que a paróquia inteira está ajudando, e não fez mais nada o dia todo! Agora, por favor, venha comigo até a sua oficina, pois quero contratar os seus serviços em nome do Rei.”

Desceram a rua lado a lado, e em seguida, na oficina do ferreiro, ouviram-se as primeiras marteladas de má vontade. Ao fim de algum tempo as carroças e os cavalos já estavam praticamente em condições de viajar, mas só depois que soaram as seis da tarde, quando a lama das estradas já refletia a luz horizontal do sol poente. As barricadas apreendidas foram amontoadas às pressas nos veículos, e Latimer, com três dos seus assistentes, deixou lentamente a cidade na direção do porto de Budmouth, a boa distância dali, encarregando os outros homens de localizar o resto da carga, que sabiam ter sido lançada ao mar em algum ponto entre Ringsworth e a enseada de Lullstead, e descobrir o paradeiro de Owlett, a única pessoa claramente incriminada pela descoberta da cova no pomar.

Mulheres e crianças vieram às portas acompanhar a saída das carroças enquanto estas, marcadas com os três riscos do desenho a giz da ponta de flecha, percorriam a rua no fim de tarde cada vez mais escuro; e os locais

lançavam olhares tristes aos bens confiscados que denunciavam claramente a relação que tinham com aquele comércio.

“Bem, Lizzy”, disse Stockdale, quando o estrépito das rodas já quase não se ouvia, “é um bom final para a sua aventura. Dou graças por você não ter despertado nenhuma suspeita, e só ter perdido a carga de bebida. Quer sentar-se aqui e me escutar?”

“Daqui a pouco”, ela disse. “Agora preciso sair.”

“Não vai voltar àquele lugar horrível na costa, ou vai?”, perguntou ele à queima-roupa.

“Não, não é para lá que eu vou. Só preciso dar conta do último dos afazeres de hoje.”

Stockdale não respondeu nada, e ela seguiu lentamente até a porta, como se achasse que ele diria mais alguma coisa.

“Você não se ofereceu para vir comigo”, completou ela finalmente. “Imagino que me detesta, agora que ficou sabendo de toda essa história.”

“Como pode falar assim, Lizzy, quando sabe que tudo o que quero é resgatar você dessa vida? Se eu vou com você? Claro que sim, no mínimo para não deixar que nada lhe aconteça. Mas por que vai sair de novo?”

“Porque não posso ficar descansando em casa. Há coisas acontecendo, e preciso saber o quê. Então, venha!” E os dois saíram juntos no crepúsculo.

Quando chegaram à rua ela virou à direita, e ele logo percebeu que seguiam o mesmo rumo que os guardas e sua carga. Ele lhe dera o braço e de tempos em tempos ela o puxava, para indicar que precisava parar um pouco e escutar com cuidado. Percorreram os primeiros quinhentos metros bem depressa, e na segunda ou terceira vez que pararam, ela disse: “Estou ouvindo as carroças bem à frente. Você escutou também?”

“Escutei”, disse ele; “o som das rodas. Mas qual é o problema?”

“Só quero saber se já estão muito longe da cidade.”

“Ah”, disse ele, fazendo finalmente ideia do que estava acontecendo. “Vão fazer alguma tentativa desesperada — e agora estou lembrando que não vimos nenhum dos homens da cidade quando saímos de casa.”

“Escute só!”, ela murmurou. O barulho das rodas de carroça tinha parado, dando lugar a outros sons.

“É um ataque!”, disse Stockdale. “Gente vai morrer! Lizzy, solte o meu braço; vou até lá. Minha consciência não me permite ficar aqui e não fazer nada!”

“Ninguém vai morrer, nem mesmo quebrar a cabeça”, ela disse. “Nossos homens são trinta e eles são quatro; ninguém vai se machucar.”

“Então era realmente uma emboscada!”, exclamou Stockdale; “E você sabia que ia acontecer. Por que se alia a pessoas que vão contra a lei desse jeito?”

“E por que você prefere ficar do lado de quem extorque dos comerciantes

locais o que eles compraram honestamente na França com seu próprio dinheiro?”, respondeu ela com firmeza.

“Não foi uma compra honesta”, disse ele.

“Foi, sim”, rebateu ela. “Eu, Owlett e os outros pagamos trinta xelins por cada uma dessas barricadas antes do embarque em Cherbourg, e se um rei que não reconhecemos manda seus homens para cá tomar o que é nosso, temos todo o direito de roubar tudo de volta.”

Stockdale não parou para continuar a discussão, mas apressou o passo na direção do barulho, com Lizzy sempre a seu lado. “Não se intrometa, por favor, caro Richard!”, ela pediu em tom aflito quando chegaram mais perto. “Vamos ficar por aqui; é no cruzamento de Warmwell que vão tomar a carga. Não há nada que você possa fazer, e ainda corre o risco de levar pancada!”

“Primeiro vamos ver o que está havendo”, ele disse. Mas não precisaram andar muito até tornar a escutar o som de rodas de carroça, e Stockdale logo percebeu que elas tinham feito meia-volta e agora vinham em sua direção. Um minuto depois as três carroças apareceram, e Stockdale e Lizzy se afastaram para a beira da estrada a fim de deixá-las passar.

Os cavalos e as carroças tinham saído da cidade conduzidos por quatro homens, mas agora voltavam acompanhados por um pelotão de vinte a trinta; todos eles, Stockdale constatou admirado, com o rosto pintado de preto. No meio do grupo caminhavam seis ou oito figuras altas de mulher que, pela passada larga, Stockdale logo percebeu serem homens disfarçados. Assim que avistaram Lizzy e seu acompanhante, quatro ou cinco deles separaram-se dos demais e, depois que as carroças passaram, aproximaram-se do casal.

“Vocês não podem seguir para esses lados agora”, disse uma das mulheres desgraciosas, ostentando cachos bem longos que pendiam dos dois lados do seu rosto, de acordo com a moda daqueles tempos. Stockdale reconheceu a voz daquela senhora, que era a de Owlett.

“Por que não?”, perguntou Stockdale. “A estrada é pública.”

“Escute aqui, rapazinho”, disse Owlett, “Ah! é o pastor metodista, e com a sra. Newberry! Olhe, melhor não seguir nessa direção, Lizzy. Eles fugiram todos, e o pessoal recuperou o que tinham tomado.”

O moleiro apressou o passo e se juntou a seus camaradas. Stockdale e Lizzy também deram meia-volta. “Eu preferia não termos sido forçados a isso”, ela disse, em tom de queixa. “Mas se os guardas levassem as barricadas, metade dos habitantes da paróquia iria passar necessidades por um mês ou dois.”

Stockdale não prestava muita atenção às suas palavras, e disse: “Acho que não posso simplesmente voltar para a cidade. Os pobres quatro guardas, pelo que eu sei, podem ter sido até assassinados.”

“Assassinados?”, replicou Lizzy em tom impaciente. “Aqui ninguém á

assassinado.”

“Pois então vou até a encruzilhada de Warmwell para ver o que encontro”, disse Stockdale, decidido; e sem desejar a Lizzy um retorno seguro até em casa, ou despedir-se dela de maneira alguma, tomou a direção oposta. Lizzy ficou parada, acompanhando sua silhueta com os olhos até ela ser tragada pelas sombras; e então, com tristeza, tomou a direção de volta a Nether-Moynton.

Não havia mais ninguém na estrada. Nessa época do ano, depois do anoitecer, era comum não cruzar com nenhum passante por horas a fio. Stockdale seguiu em frente sem ouvir qualquer som além dos próprios passos, e depois de algum tempo avistou as árvores plantadas em torno da entrada de Warmwell. Antes de chegar à encruzilhada, ouviu vozes que vinham do arvoredo.

“Ei! Ei! Socorro! Socorro!”

As vozes não soavam enfraquecidas nem desesperadas, mas a ansiedade era evidente. Stockdale estava desarmado, e antes de mergulhar na escuridão mais profunda do bosque arrancou do chão uma estaca da cerca para usar em caso de necessidade. Quando se enfiou em meio às árvores gritou: “O que foi? Onde estão vocês?”

“Aqui!”, responderam as vozes; caminhando na direção de onde vinham, o pastor se deparou com os homens que procurava.

“Por que não vieram me encontrar?”, perguntou Stockdale.

“Estamos amarrados às árvores.”

“Quem são vocês?”

“Will Latimer, da Guarda Aduaneira!”, respondeu uma das vozes, em tom muito queixoso. “Venha cortar essas cordas, por favor! Achamos que ninguém mais ia passar por aqui hoje à noite.”

Em pouco tempo Stockdale cortou as amarras de todos, que soltaram suas pernas e braços e se puseram de pé.

“Que bandidos!”, disse Latimer, que agora trovejava com fúria, embora falasse em tom muito humilde antes de Stockdale aparecer. “São os mesmos sujeitos! Sei que eram todos de Moynton, do primeiro ao último.”

“Mas não podemos ter certeza”, disse um dos homens. “Nenhum deles disse uma palavra.”

“O que estão pensando em fazer?”, perguntou Stockdale.

“O melhor era voltar direto para Moynton e contra-atacar!”, disse Latimer.

“Estamos de acordo!”, disseram seus comandados.

“Lutar até a morte!”, disse Latimer.

“Até a morte!”, repetiram seus homens.

“Mas não sabemos”, ponderou Latimer em tom mais comedido enquanto saíam do meio das árvores, “não *sabemos* se esses sujeitos com a cara pintada de

preto eram mesmo habitantes de Moynton. E seria difícil provar.”

“Muito difícil”, disseram os outros.

“Então não vamos fazer mais nada”, disse Latimer num tom neutro, sem emoção. “No que me diz respeito, preferia estar no lugar deles. As dobras dos meus braços estão esfoladas pelos cordões que aquelas mulheres usaram para me amarrar com tanta força. Agora que tive tempo para pensar, minha opinião é que servir ao governo às vezes cobra um preço alto demais. Nos últimos dois dias e duas noites mal consegui dormir uma hora; agora, se é esta a vontade de Deus, proponho tomarmos o caminho de casa.”

Os outros guardas concordaram com entusiasmo e, agradecendo a Stockdale por seu socorro oportuno, despediram-se dele na encruzilhada, seguindo para oeste enquanto Stockdale regressava a Nether-Moynton.

Durante a caminhada de volta, o pastor perdeu-se em divagações bastante incômodas. Assim que entrou em casa, e antes de se dirigir a seus aposentos, foi até a porta da saleta dos fundos em que Lizzy costumava passar o tempo na companhia da mãe. Mas ela estava só. Stockdale entrou e, como se estivesse num sonho, fixou o olhar no tampo da mesa que o separava da jovem, que ainda vestia o gorro e a capa. Stockdale não disse nada. Ela ergueu os olhos para ele, com uma expressão apreensiva.

“Onde eles se meteram?”, ele perguntou, em tom indiferente.

“Quem? Não sei. Não vi mais sinal de ninguém. Vim direto para casa.”

“Se os seus homens conseguirem se safar com essas barricas, imagino que você vai ter um bom lucro.”

“Uma parte vai ser minha, outra do primo Owlett, mais uma para cada um dos dois donos dos campos, e uma última dividida entre todos os homens que nos ajudaram.”

“E você”, prosseguiu ele pausadamente, “continua decidida a não desistir desse negócio?”

Lizzy levantou-se e pousou a mão no ombro dele. “Não me faça essa pergunta”, ela sussurrou. “Você não tem ideia do que está me pedindo. E eu preciso lhe explicar, mesmo tendo decidido antes que não lhe diria nada. O que eu ganho com essa atividade é o que eu tenho para sustentar a mim e a minha mãe.”

Stockdale ficou abismado. “Isso não me passou pela cabeça”, ele disse. “Se eu fosse você, iria preferir trabalhar varrendo as ruas. De que serve o dinheiro, comparado a uma consciência limpa?”

“Minha consciência está limpa. Conheço bem a minha mãe, mas o Rei eu nunca vi. O que seria direito dele não me interessa. Mas me importa muito que eu e minha mãe continuemos vivas.”

“Case comigo, e prometa desistir desse negócio. Eu me encarrego do sustento da sua mãe.”

“É uma bela oferta”, ela respondeu, um pouco trêmula. “Preciso de algum tempo para pensar bem. Prefiro não responder logo.”

E reservou sua resposta para o dia seguinte, quando entrou no quarto dele com uma expressão solene. “Não posso aceitar o que você propôs!”, ela disse, em tom apaixonado. “É pedir demais. Toda a minha vida sempre foi assim.” Suas palavras e seu comportamento demonstravam que, antes de procurá-lo, havia debatido muito consigo mesma, e que a discussão tinha sido considerável.

Stockdale empalideceu, mas respondeu com voz serena. “Então, Lizzy, precisamos nos separar. Não posso contrariar os meus princípios nesse caso, nem desconsiderar meu próprio ofício. Você sabe o quanto eu a amo, e o que faria por você; mas isso eu não posso aceitar.”

“Mas por que precisa persistir nesse ofício?”, ela explodiu. “Sou dona desta casa, que é grande; por que você não pode casar-se comigo e vir morar aqui conosco, deixando de ser pastor? Eu lhe garanto, Richard, que não fazemos mal a ninguém, e quem dera você pudesse ver as coisas da mesma forma. Esses negócios, só fazemos no inverno; no verão não há movimento. O movimento anima um pouco a vida mais aborrecida desta época do ano, e sempre traz alguma emoção. A esta altura, já estou tão acostumada que nem saberia mais viver sem ele. Nas noites de vento, em vez de ficar largada e inerte, sem se interessar pela força com que sopra, a sua mente sai vagando, mesmo você ficando em casa; e se preocupa em saber se os camaradas estarão se saindo bem; você anda de um lado para o outro do quarto, olha pela janela e acaba saindo de casa, se orientando na noite tão bem como se fosse pleno dia, e escapa por pouco de Latimer e dos comandados dele, que são idiotas demais para nos meter muito medo. Só nos fazem agir com mais pressa.”

“Mas ontem à noite ele lhe meteu algum medo, de qualquer maneira; e eu recomendaria que desistisse, antes que a coisa piore.”

Ela abanou a cabeça. “Não, quero continuar assim como comecei. Nasci para isso. Está no meu sangue, e não tem cura. Ah, Richard, você não imagina como é difícil o que me pediu, e a dificuldade por que me faz passar quando me diz para escolher entre meus negócios e o amor por você!”

Stockdale estava com o cotovelo apoiado na prateleira acima da lareira, cobrindo os olhos com a mão. “Não devíamos ter nos encontrado, Lizzy”, ele disse. “Foi um dia malfadado para nós dois. Nem me ocorreu que o nosso compromisso pudesse ter de enfrentar uma situação tão impossível e sem saída. Mas agora é tarde demais para me arrepender das consequências. Pelo menos eu tive a felicidade de tê-la visto e conhecido.”

“Você é dissidente da Igreja Anglicana, e eu, dissidente do Estado”, ela disse. “Não vejo por que isso não nos garante afinidade.”

Ele respondeu com um sorriso triste, enquanto Lizzy mantinha baixos os

olhos de que lágrimas começavam a rolar.

Foi uma noite triste para os dois, e os dias que se seguiram também foram tristes. Ela e ele cumpriam mecanicamente suas obrigações, e a depressão do jovem foi percebida na cidadezinha por mais de um dos fiéis com que teve contato. Mas nem se imaginava que Lizzy, que passava os dias dentro de casa, pudesse ser a razão do seu desconforto: todos imaginavam que já existisse havia anos um noivado tácito entre ela e seu primo Owlett.

Nessa incerteza a semana foi passando, até que certo dia pela manhã Stockdale disse a ela: “Recebi uma carta, Lizzy. Prefiro continuar a chamar você assim até ir embora”.

“Ir embora?”, ela perguntou, sem alterar a voz.

“Sim”, ele disse. “Vou embora daqui. Achei que seria melhor para nós dois eu não ficar, depois do que houve. A verdade é que eu não teria como continuar aqui, vendo você dia após dia, sem me enfraquecer ou hesitar na minha escolha. Acabei de saber de uma troca possível em que outro pastor chegaria aqui em mais ou menos uma semana, e eu ficaria livre para me instalar em outro lugar.”

Que ele não tivesse mudado de posição aquele tempo todo foi para ela uma surpresa dolorosa. “Você nunca me amou!”, ela disse, amarga.

“Eu poderia dizer a mesma coisa”, ele retorquiu, “mas não vou. Só lhe peço um favor. Venha ouvir meu último sermão, na véspera da minha partida.”

Lizzy, que costumava frequentar a igreja nas manhãs de domingo, muitas vezes ia também até a capela de Stockdale no fim da tarde junto com os outros que compareciam às duas, e prometeu ir ouvi-lo.

Correu pela cidade a notícia da partida de Stockdale, e muitos dos que não eram da mesma denominação ficaram tristes com a novidade. Os dias passaram depressa, e na tarde do domingo anterior à sua partida Lizzy se acomodou na capela para ouvi-lo pela última vez. A construção modesta transbordava de gente, e ele abordou o tema que todos já esperavam, o comércio clandestino tão extensivamente praticado entre eles. Seus ouvintes, julgando que as palavras do pregador diziam respeito a todos, só foram perceber que se dirigiam particularmente a Lizzy quando o sermão já ia adiantado e Stockdale mal resistia à emoção. Na verdade, o fervor intenso que sentia, além da visão dos olhos de Lizzy, foram demais para a sobriedade do jovem. Ele não teve uma ideia clara de como chegou ao fim do sermão. Pareceu-lhe ver através de um nevoeiro Lizzy levantar-se e sair com o resto da congregação, e pouco depois também tomou o rumo de casa.

Ela o convidou para a ceia, e os dois se instalaram sozinhos à mesa, depois que a mãe de Lizzy, como era costume nas noites de domingo, foi cedo para a cama.

“Vamos nos despedir como amigos, não é?”, perguntou Lizzy com uma

leveza forçada, sem aludir ao sermão, reticência que o deixou decepcionado.

“Vamos, sim”, ele disse, com um sorriso forçado; e os dois se sentaram.

Era a primeira refeição que compartilhavam juntos e a sós na vida, e era provável que fosse também a última. Quando terminaram, e não tinham mais como sustentar uma conversa em tom indiferente, ele se levantou e tomou a mão dela. “Lizzy”, ele disse, “acha mesmo que devemos nos separar?”

“Você é que está dizendo”, respondeu ela em tom grave. “Não sei dizer mais nada.”

“Nem eu”, retorquiu ele. “Se a sua resposta é essa, adeus!”

Stockdale curvou-se e a beijou, e automaticamente ela retribuiu seu beijo. “Vou sair cedo”, disse ele, apressado. “Não vamos mais nos ver.”

E de fato partiu cedo. Quando saiu à luz cinzenta da manhã para tomar a carruagem que o levaria embora, teve a impressão de ver um rosto numa fenda entre as cortinas do quarto de Lizzy; mas a luz era baça, e os vidros da janela reluziam de umidade, e não pôde ter certeza. Stockdale embarcou e seguiu viagem; no domingo seguinte, o novo pastor já pregou o sermão na capela dos wesleyanos de Moynton.

Um dia, dois anos depois da despedida, Stockdale, agora instalado numa pequena cidade do interior da Inglaterra, chegou a Nether-Moynton da mesma forma que na primeira vez. Enquanto sacolejava pela estrada naquela tarde, fizera várias perguntas ao cocheiro, e as respostas que ouviu o deixaram profundamente interessado. A consequência foi seguir sem a menor hesitação até seu antigo endereço. Eram cerca de seis da tarde, e a época do ano era a mesma em que tinha partido; dessa vez também, o solo molhado refletia a luz do céu claro a oeste, e as campânulas-brancas de Lizzy exibiam-se na base do muro.

Lizzy deve tê-lo avistado da janela, pois no momento que Stockdale chegava à porta ela já a segurava aberta; e depois, como que percebendo a irreflexão de sua saída, ela deu um passo atrás, dizendo, com algum constrangimento: “Sr. Stockdale!”

“Você sabia que eu vinha”, disse Stockdale, tomando a sua mão. “Escrevi avisando que vinha fazer-lhe uma visita.”

“Sim, mas não dizia quando”, ela respondeu.

“Não. Não sabia ao certo quando o meu trabalho me traria para estes lados.”

“Você só veio trazido pelo trabalho?”

“Sim; porém pensei muitas vezes em vir só para vê-la. Mas me conte tudo o que aconteceu. Eu lhe disse o que iria acontecer, Lizzy, mas você não quis me ouvir.”

“Não”, respondeu ela com tristeza na voz. “Mas eu tinha sido criada para aquela vida, e era como se fizesse parte da minha natureza. De qualquer

mancira, agora está tudo acabado. Os guardas ofereceram uma recompensa pelo culpado, vivo ou morto, e o negócio reduziu-se a zero. Fomos perseguidos até o fim, como ratos.”

“Owlett desapareceu para sempre, pelo que eu soube.”

“Sim, foi para a América. Foi uma verdadeira batalha da última vez, quando tentaram capturá-lo. É um verdadeiro milagre que ele tenha sobrevivido; e um espanto eu não ter sido morta. Fui baleada na mão. Não que tenha sido a intenção do atirador; o tiro visava o meu primo; mas eu vinha um pouco atrás, assistindo a tudo como sempre, e a bala pegou em mim. Sangrou horivelmente, mas consegui chegar em casa sem desmaiar, e a mão sarou depois de um tempo. Você sabe o que houve com ele?”

“Não”, respondeu Stockdale. “Só que ele escapou com vida.”

“Foi atingido nas costas, mas a bala foi desviada por uma costela. Ficou gravemente ferido. Mas não deixamos que o pegassem. Os homens o carregaram a noite toda pelo campo aberto até Bere, onde o esconderam num celeiro e cuidaram do seu ferimento o melhor que podiam, até ele tornar a conseguir caminhar sem ajuda. Já fazia algum tempo que tinha passado o moinho adiante, e finalmente chegou a Bristol, comprou passagem para a América e foi morar em Wisconsin.”

“E o que você acha do contrabando agora?”, perguntou o pastor em tom grave.

“Admito que estávamos errados”, respondeu ela. “Mas estou sofrendo as consequências. Fiquei muito pobre, e minha mãe morreu faz doze meses. Mas não quer entrar, sr. Stockdale?”

Stockdale entrou, e pode-se presumir que os dois tenham chegado a um acordo, pois quinze dias mais tarde foi organizaram a venda de toda a mobília de Lizzy e, em seguida, um casamento na capela de uma cidade vizinha.

Das antigas paragens, ele a levou para a casa que havia mandado construir no seu condado de origem, onde ela se dedicou ao estudo de suas obrigações de mulher de pastor com uma louvável assiduidade. Dizem que nos anos seguintes escreveu um texto excelente intitulado “Dai a César, ou Os Cidadãos Contritos”, em que usava sua experiência própria, protegida pelo anonimato, como narrativa preliminar. Stockdale mandou imprimir o texto depois de algumas correções e do acréscimo de algumas frases poderosas de sua lavra; e muitas centenas de exemplares foram distribuídas pelos dois ao longo de sua vida de casados.

Traduções de Sergio Flaksman para a coleção A ARTE DA NOVELA

CARMEN | PROSPER MÉRIMÉE

CORAÇÃO SIMPLES, UM | GUSTAVE FLAUBERT

HOMEM QUE QUERIA SER REI, O | RUDYARD KIPLING

HORLÁ, O | GUY DE MAUPASSANT

PREGADOR ATORMENTADO, O | THOMAS HARDY

Essa tradução foi publicada após acordo firmado com a Melville House Publishing, EUA. A série The Art of The Novella e sua identificação visual são propriedades da Melville House Publishing, USA.

PRIMEIRA PUBLICAÇÃO: *HARPER'S WEEKLY*, NOVA YORK E NA *NEW QUARTERLY MAGAZINE*, LONDRES, 1879

DESIGN DA SÉRIE

DAVID KONOPKA

REVISÃO

THAÍS THOTINO RICHTER

VERSÃO DIGITAL

ANTONIO HERMIDA

WWW.GRUALIVROS.COM.BR

A@GRUALIVROS.COM.BR



GRUA_LIVROS

RUA CLÁUDIO SOARES, 72 CJ 1605

PINHEIROS

SÃO PAULO – SP

05422-030

Tel: (011) 4314-1500

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H239p

Hardy, Thomas, 1840-1928

O pregador atormentado / Thomas Hardy ; tradução Sergio Flaksman. - 1. ed.

- São Paulo : Grua, 2024.

Tradução de: *The distracted preacher*

ISBN 9786588410530

1. Romance inglês. 2. Novela inglesa. I. Flaksman, Sergio. II. Título.

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643